

PRIMAVERA

1946



VIDA MUNDIAL
ILUSTRADA

DIÁRIO GRÁFICO DE ATUALIDADES

ANO V—N.º 257
25 DE ABRIL DE 1946
PREÇO AVULSO 2\$50

POR TRISTEVEL MARTINHO

O poeta das flores é o rouxinol. Pode procurar-se, na Natureza em festa, outro cantor; nenhum, porém, se encontrará, príncipe vestido de penas, que melhor saiba elevar ao céu, num cântico sublime, a orquestração suprema da cor, do ritmo, da harmonia, onde a terra inteira condensa os seus encantos. Conta uma lenda árabe ter um dia o sol, cheio de ciúmeira, chegado a casa, tomar o seu bordão de milênios e vir, por montanhas e rochedos, à procura dum arbusto escondido num vale florido donde se evolvava o canto dum rouxinol.

— Majestade — disse o sol — eu sou o sol que aquece o mundo, que agasalha, os pedintes, que enche de luz a casa dos homens!

Sou o fogo abençoado, inesquecível, a força portentosa que ilumina e purifica. A minha presença dá selva, o meu entusiasmo dá vida!

E quem és tu? Um boémio cantor, sem eira nem beira, mil vezes confiante da luz, amante das sombras, do crepúsculo, do sonho, dos vales quietos e das nostálgicas planícies.

O rouxinol ouviu. O seu canto triste, tornou-se logo suspiro como o adeus dum moribundo para a receber. Está bem.

Mas voltou logo, na resposta, numa partitura de trinado: — Sol, eu sei que as flores tudo te devem. Eu tu que as crias, que as aqueces, que lhe dás brilho, vico, formosura. O teu olhar criador faz germinar as urzes e as rosas. O teu bafo quente aquece o ventre da terra e a póe grávida, a germinar encantos. Nasceram nos montes a rosa brava e o alceim chelroso. Nas planícies vem a papoila mostrar, entre os trigais, o assomo garrido da ebeiteza — e, os telhados velhos onde a andorinha quer morar, há tapetes de verdura, como passadeiras, para a receber. Está bem.

Mas, diz-me sol: se as flores são belas, se os jardins vivem em festa, quem há-de dizer ao mundo que repare na festa da Natureza?

Sou eu. Eu o rouxinol. Eu que vim ao mundo para cantar até endoidecer. Se me perguntarem porque canto, não o sei dizer. Lembro-me que vivi triste. Que andei pelo mundo quando tudo era deserto e nem as flores me queriam ouvir. Sai da Arca de Noé era meio-dia. Lembro-me que tu, nas alturas, coravas vermelho sobre a terra alagada em água. Já algumas árvores velhinhas ressurgiram do lodo. Zimbórios de torres, a descoberto, estavam nus, sem o adejar de pássaros. Então, eu, liberto, pus-me, no alto silêncio, a cantar. Era medonho aquele isolamento — nem uma flor, nem uma sombra. Cantei durante uma semana, sem comer nem beber. Tu sabe-lo bem, testemunha nas alturas. Depois, aos bandos, vieram os primeiros companhas assistir ao meu canto. Quando dei por mim tinha, à minha volta, uma multidão de pássaros, que me escutava enlevada. Foi, então, que nesse grande recital me denominaram de príncipe dos cantores. Deram-me um ceptro — e um relinco que é toda a Natureza. O trono, que não o quis, ficou em todo o lado, nos arbustos, nas erbulhas de verdura, as hastas apodrecidas ou queimadas. Primavera divina, de manto sonhador, a vestir a terra de grinaldas, para a sua apoteose de cor!

Eu prometi cantar. Sou o clarim, a mensagem da Natureza, feita em ritmo. Se tu és a cor — eu sou a harmonia. As flores, quando muito, serão esse belo cenário onde, sem elas, eu não sei representar.

Se o rouxinol é o poeta das flores — as andorinhas, errantes ballarinas do espaço, são o símbolo da Primavera. Elas trazem o calendário no bico — e dizem, com força de decreto divino, a primeira prelecção às flores. Abre-se a terra florida e refofada, em bolões perfumados. Os caminhos pobres onde o lodo e a lama são dedeiras para os pés nus, renasçam a borbulhar de selva com os rebentos da era e das urzes. Os canteiros dos jardins já não amarelecem e estancam, em borbulhas de verdura, as hastas apodrecidas ou queimadas. Primavera divina, de manto sonhador, a vestir a terra de grinaldas, para a sua apoteose de cor!

Oh! Primavera! Sem as flores que serias tu?

Elas são, na verdade, o verso, a rima, a harmonia, a cor, o ritmo dessa tua Infância, que só dura três meses.

Pergunta, Primavera, à terra, porque fica ela triste quando te vais embora. Pergunta, sim, à menina namorada, à borboleta, ao sol, ao riacho que passa, à vela do mofoño, ao pardal do telhado, porque gostam eles de ti!

Pergunta aos montes, aos vales floridos, às planícies mansas, aos zimbórios das torres, às mansardas onde o luar dorme, aos ninhos altos dos cedros, às varandas laryas, aos beirais dos casarios, chelos de andorinhas, ao silêncio da noite, ao amanhecer do dia, ao bater de asas dos pássaros, ao vento breve que passa, à costureira que pedala, às crianças que brincam, pergunta, enfim, a toda a gente porque razão, quando tu tão bela, Primavera, te vais embora, em três meses, num curto recreio da existência?

Ninguém te responderá.

Primavera — fica sempre. Nunca te vais embora. Diz às flores que fiquem também. Sê a nossa companhia. Não deixes envelhecer a nossa alma.

Nós precisamos de ti — do teu calor, do teu encanto. Oh! Se tu soubesses, Primavera, como fica triste a terra quando desapareces, deserto nunca a abandonarás.

O sino não tem o mesmo som; o sol fica cansado; as flores, expugnadas, agonizam nas hastas — e nós, nós homens, mais velhos um ano, esperamos, confiamos, que tu voltes, novamente, para nos dares a luz de que somos ainda eternamente moços!

Primavera, sê amiga. Tem pena das flores, que levam, na inverneira, com orvalho nas pétalas — como as lágrimas de certos homens que só secam quando chega a alegria.

Oh! Primavera, fica, fica, não tenhas pressa!

DIRECTOR:

JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR:

PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE A VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA.

REDACCAO E ADMINISTRACAO:

RUA DA EMENDA, 69, 2. — LISBOA — TELEFONE 2 5844

COMPOSICAO E IMPRESSAO:

OFICINAS GRAFICAS BERTRAND (IRMAOS), LIMITADA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 — LISBOA



As senhoras retardatárias previnem-se com vestidos leves...

CHEGOU
O BOM
TEMPO!



Começam a animar-se as esplanadas...

SE é sempre igual! Todos os anos nos lamentamos do bom tempo chegar tão tarde, e chegar, muitas vezes, a favor quem avante esta profecia: — este ano, não temos Verão!

E quem se arrisca a tomar a sério o primeiro raió anémico de sol que lhe entre, sorrivelmente, pela janela e sala para a rua com um fatiño leve, é certo que vem para casa a lamentar-se de mais uma constipação a registar na sua já tão vasta colecção...

Este ano, não podia deixar de ser assim. O bom tempo andou a brincar às escondidas com os lisboetas, mas acabou por chegar, e Lisboa está vivendo dias lindos, dias que, no dizer dum camarada nosso, não foram feitos para trabalhar...

Chegou o sol, um sol rufoso que torna mais belas as coisas e mais optimistas os homens.

Vejam como aquelas humildes sardinhelas que sangram sobre o parapetto daquela janela, parecem líbios rubros de mulher, correspondendo ao beijo caricioso do sol!

Reparem como as ruas têm mais graça, e as mulheres são mais bonitas e as crianças parecem ter agora aprendido a sorrir! E foi o sol, amigos! Foi só o sol!

* * *

Atrevido por temperamento, o lisboeta amigo toma logo por Verão os primeiros encontros da Primavera que o Ilumina. E veste-se em Abril como deveria vestir-se em Agosto, e



...e abrem flores!

antecipa os seus passeios ao campo, esquecendo o rifão que diz: em Abril, águas milia, e que, de repente, terá o passeio estragado, o fato molhado e o optimismo perdido.

Mas o sol começou a visitar ruas e jardins, e já vai encontrar casais de namorados ocupando os bancos, e crianças brincando, e flores abrindo, numa sínfonia de cor. Mas o bom tempo resolveu vir passar a Lisboa umas descuidadas férias, e já se tomam gelados, e se fazem "pic-nics" ao campo, e se abrem, como flores, os primeiros toldos das esplanadas...

Lisboa é assim. Gosta de se antecipar e de começar, tempos antes, a gozar qualquer coisa de que gosta sinceramente...

Cidade tão enclausurada no Verão como fria-menta no Inverno, já veste como deveria vestir em Agosto, mas, já para princípios de Outubro começa a quixar-se de frio e a sair, à noite, de "cashe-coli"...

Algumas senhoras mais despreocupadas ainda correm, agora, as lojas, em busca das chamadas "novidades de Verão".

Mas a maior parte já tem os vestidos a sair da modista, que esta pressa de dizer que chegou o bom tempo também serve para arrear-las as amigas com a exhibição dos últimos modelos...

* * *

Sob o beijo amigo do sol, Lisboa alegre-se e dispõe-se a aproveitar bem os meses de bom tempo.

E parece, de facto, que ele se instalou em Lisboa. Mas, não será caso para não o tomarmos ainda como coisa definitiva e para lhe perguntarmos, com um sorriso amável:

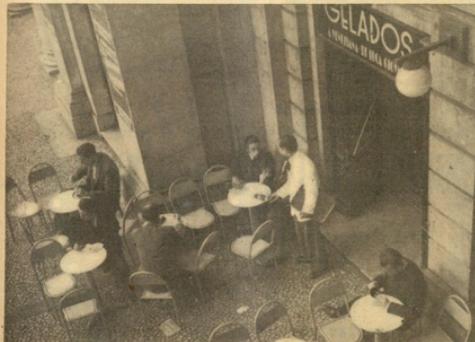
— V. Ex.ª vem para ficar, ou está por cá de passagem?...
A. N.



A água ainda é uma ótima bebida!



A gentil Maria Luiza aproveitou um intervalo do ensaio para enovar o ar fresco, na varanda do teatro



...e até já há quem tome gelados!



Sob a carícia do sol, sorriem crianças...

A VENDEDORA DE GRAVATAS

CONTO POR MICHEL ZAMACOIS



—Deseja uma gravata de seda ou de algodão?

—Fretiro de seda.
A empregada do grande estabelecimento parisiense tirou de dentro de uma caixa várias gravatas e colocou-as no aparelho niquelado que havia em cima da montra, enquanto, maquinalmente, dizia ao elegante cliente:

—São do seu gosto? Agradam-lhe? Garanto-lhe que são, ao mesmo tempo, originais e sóbrias.
O cliente a soltar uma exclamação de assombro, perante a variedade de gravatas que a jovem punha diante de seus olhos, quando esta, inclinando-se para ele, lhe pediu em tom misterioso:

—Depressa, senhor! Faça-me a corte! Mas depressa!

Em face daquela excitação, que ele não esperava, o cliente ficou estupefacto, como um idiota. Observou com atenção aquela estranha rapariga, que lhe parecia carecer de sentido comum, mas dando conta de que era deliciosamente formosa.

—Asseguro-lhe que não me custará muito satisfazê-la, minha menina.

—Então, não perca tempo — ordenei eu, no mesmo tom de voz.
O cavalheiro adoptou a expressão

e os gestos de enamorado que as circunstâncias exigiam e, com originalidade e espontaneidade, disse-lhe: —A menina é a mais graciosa e simpática vendedora de gravatas que eu tenho visto. Se, em troca de um punhado de cabelos me desse uma trança!

— Tome está! — respondeu a rapariga irrepresavelmente, pondo-lhe diante do nariz uma gravata sarrapintada.

— É suficiente. Agora continue. O ascensor está por subir.

«O ascensor está por subir?» — disse para consigo o cliente. — Mas que significam estas palavras? Sofrerei a pequena, porventura, de alienação mental?»

— Observei com inquietação a linda rapariga, provocando nela um sorriso tímido. Ela, porém, enquanto alisava com afectado esmero as gravatas, disse-lhe:

— O senhor há-de julgar, sem dúvida, que eu estou doida! Engana-se. O que estou é enamorada; e isto é tudo.

— Mas não me dirá que relação existe entre o ordem imperativa que me deu há pouco, obrigando-me a fazer-lhe amor tão desperatamente, e entre o ascensor e a sua paixão amorosa.

— Isso é uma velha história. Para passar o tempo necessário para lhe contar isso, seria preciso que o senhor adquirisse multissimas gravatas. De contrário, eu seria admoestada pelo gerente.

«Que sacrifícios não faria um humorista para ouvir dos lábios de uma bellissima rapariga um autêntico romance de amor — pensou o cliente.

— Eu estou apaixonada por um simpático rapaz — começou ela dizendo. — A prova de que ele é realmente simpático está no facto de que três quartas partes das empregadas do estabelecimento estão perdidamente enamoradas dele. É o primeiro guarda do ascensor da casa.

Além disso, o seu lugar é de muita responsabilidade. No seu primeiro dia de trabalho fez assobiar todos os corações femininos. Nenhuma de nós tinha visto aliada um rapaz tão belo como ele, com dois magníficos olhos azuis e bigodinho encantador, que lhe davam um ar insinuante. Na sua fisionomia há um não sei quê...

que só nós, as mulheres, podemos compreender. Acredite-me. O subir e o descer do ascensor provoca sempre uma comédia. Em todos os andares em que pára, as empregadas olham logo para o lado da porta e depois acompanham com a vista o movimento do ascensor. A nós, está vedado utilizarmos-nos dele. Essa é que é a tragédia. Se nos fosse possível subir ou descer junto dele, perderíamos a noção do tempo... Quando o ascensor pára e a porta corrediça se abre, ouve-se uma voz musical, grave e serena, que anuncia: — «Secção de roupas brancas... Secção de cintas... Sédas... Lãs... Vestidos para crianças...»

Depois, a porta fecha-se diante da silenciosa estação do amor... e o ascensor arranca. Em todos os andares se desenrola a mesma cena, até ao sexto.

Constantemente, suspiros femininos saúdam a passagem do representante de Eros. Devem confessar-lhe que eu era a menos entusiasta de todas. Depois... não sei com foi isto. Sentimei enamorada de Agostinho Bracot, que é como ele se chama. Para falar a verdade, ele mostrava-se mais affectuoso comigo do que com as outras. Como poderia eu resistir-lhe?

«Agora que todas elas sabem que eu sou a preferida, acalmaram um pouco os seus arranjos impetuosos de admiração. Mas não muito. Supo-

nho, mesmo, que estão longe de se extinguir. É impossível que elas renunciem assim, de chofre, aos seus olhares e aos seus suspiros. Afinal, ele não é mais do que um homem. Ama-se, sem dúvida, porque a arte que as minhas rivais adoptam divertio-me imenso. Mas não fundo, compreendo que isso o envaideça. O seu semblante mostra sempre a satisfação que isso lhe dá.

«Se isto continua assim, chegarei um dia em que perderei a cabeça, e então... Tenho sofrido tanto, senhor. Uma manhã, resolutamente, para acabar com tal sofrimento, apresentei-me ao chefe do pessoal, um excelente velho — ao qual chamamos na intimidade «avôzinhos» — e contei-lhe, a chorar, o meu triste caso.

«Como ele é perito em questões do coração, deu-me este conselho simples: «Querida pequena: deves conquistá-lo por meio do ciúme. De hoje em diante, estarás na secção de gravatas, perto do ascensor principal, de modo que o teu rapaz, que está aí, pode verte todas as vezes que subir ou descer. Deves falar com animação com os clientes, os quais, naturalmente, dirigir-te-ão frases agradáveis. Se conversarem de modo que ele julgue que te sentes elogiada terás a ajuda voluntária dos homens. Vai, minha filha. Não me agradeças, porque estou certo de que no fim venderás multissimas mais gravatas, com o que prestarás um grande serviço à casa.»

«É esta toda a história do meu amor. Se o coloquei na situação de fazer-me a corte tão violentamente foi porque nesse momento Bracot passava com o ascensor, para que nos visse conversar e se enchesse de ciúmes. Vê? Agora desço. Sabe que o senhor ainda aqui está. Lá franziu ele as sobrancelhas! Parece tomado de fúria. Ah! Tenho a certeza de que não se deterá para admirar os sorrisos das outras raparigas. Tem uma expressão de sofrimento que me faz pena. Apesar disso, sou feliz. O meu plano deu o resultado que eu esperava. Já vê? Lá vai o elevador a subir. Meu pobre amor!

Depois, numa brusca transição, que mal deu tempo ao senhor para se repor, acrescentou:

— Dizia, então, o senhor? Olto gravatas, a trinta francos... Eu é que devo agradecer ao senhor. Quer ter a amabilidade de acompanhá-me à caixa? Mil agradecimentos. Boas tardes.

CASA MOUTELA

284-A, Rua da Palma, 284-D — LISBOA

Telefone 2 7851

OFICINAS: Travessa do Benfornoso, 1



Especialidade em pulverizadores para tratamento de vinhas, árvores de fruto e roseiras.
Bombas para tração de vinhos.
Bataques para evitar que o vinho azede.
Válvulas e torneiras para toneis.
Torneiras para água e gás.
Esquentadores para banhos.
Artigos de Ménage.
Aparelhos para duche e banhos de chuva.
Torneiro de metais: especialidade em trabalhos metalúrgicos em série, por tornos automáticos.
Trabalhos de niquelagem, dourar, pratear e bronzear.

A venda nas Livrarias

O N.º 24 DA «COLECCÃO CONTOS E NOVELAS»

CONTOS INGLESES

PERDIDOS

(2.ª SÉRIE)

Trad. Margarida Barbosa, Carmo Vaz e Ersilio Cardoso

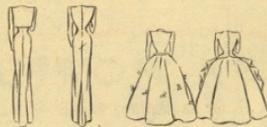
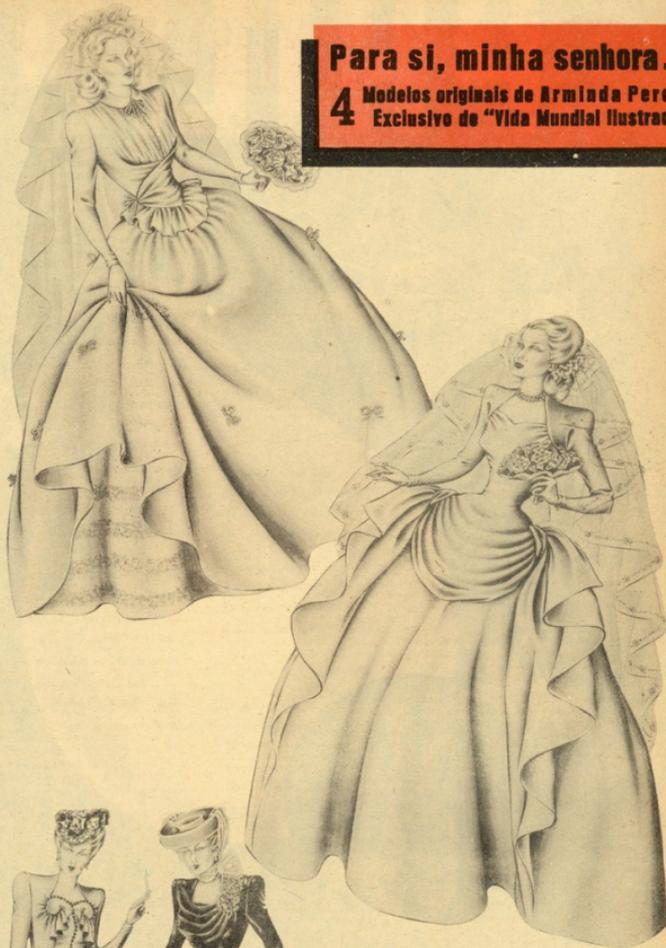
Publicado pela Editorial Gêbar, Lda.

RUA DA MADALEIRA, 211-3.º — TELEFONE 2 0933 — LISBOA



Para si, minha senhora...

4 Modelos originais de Arminda Pereira
Exclusivo de "Vida Mundial Ilustrada"



1) Elegantíssimo e juvenil vestido de noiva em seda natural. Repare, minhas senhoras, no interessante drapado no corpo.

2) Muito original o corpo deste vestido em seda mateável com duas largas faixas caíndo dos lados da saia. Esta pode ser feita numa seda rija amolecida, por exemplo.

3) O corpo deste vestido é dum corte involgar, imitando um curto balero preso ao abotoado que desce um pouco abaixo da cintura.

4) Muito «chic» e simples este modelo para madrinha, com o drapado apanhado por um largo bordado no ombro esquerdo.



OLIVEIRA MARTINS



ANTERO DO QUENTAL

JOÃO Saraiva, um dos raros sobreviventes da grande geração literária de 90, aparece de onde em quando na «Brasileira» do Chiado.

Por interessada curiosidade dos presentes, mergulhou o cavaco ligeiro em recordações do passado, e surgiram as grandes figuras de Oliveira Martins, Antero do Quental, João Chagas, Rafael Bordalo...

Oliveira Martins, de quem João Saraiva fala com enternecida saudade, estimava-o muito, e quando, em 1892, numa hora grave de crise nacional, foi Ministro da Fazenda, convidou-o para seu secretário.

Uma tarde surgiu alguém no Ministério informando ter chegado a Lisboa o portador do revólver com que Antero do Quental pôs termo à dolorosa agonia da sua vida, e Oliveira Martins encarregou João Saraiva, seu secretário e seu amigo, de ir buscar à Rua Maria, no bairro Andrade, aqui em Lisboa, esse instrumento de uma grande tragédia.

Fez-se um silêncio grave. João Saraiva refere a emoção forte que sofreu, quando nas suas mãos depuseram essa arma, e a funda comoção, dificilmente reprimida por Oliveira Martins, ao fitá-la.

O carácter melancólico, concentrado, e o aprumo viril, e a sensibilidade do grande prosaísta recorta-se, recordada pelo poeta, seu secretário e seu amigo.

João Saraiva vai contando, e surgem a redacção de *O Repórter*, e Fialho de Almeida, secretário da redacção, o Conde de Ficalho, assíduo colaborador, e a *Vida Nova*, programa de resolução da crise nacional e de saneamento político, que, mais tarde, João Franco tentaria realizar. E Emílio Navarro, e a redacção de *As Novidades*, onde João Saraiva também colaborou, e a campanha de Emílio Navarro contra o Conde de

Burnay, luta emocionante entre *As Novidades* e *O Jornal do Comércio*, que Navarro denominava o «Jornal do Comer», escrevendo o título desta maneira bizarra — *O Jornal do Comer(cio)*. E outros tempos, e homens de outra convergadura vão sendo presentes, e também uma outra vida e um outro mundo sem as convulsões e as incertezas das horas actuais.

Mais uma vez, no decurso da conversa, o silêncio atento se adensa.

João Saraiva contou: Jantavam um dia sós os três, em casa de Oliveira Martins. Sua esposa, D. Vitória de Oliveira Martins, o ministro e o seu secretário.

Findara o jantar. Era ao cair da tarde; nesse tempo jantava-se mais cedo.

Chega um telegrama. Oliveira Martins, depois de o ler, passou-o a João Saraiva, pedindo para o ler alto a D. Vitória.

Dera-se o primeiro grande atentado terrorista na Europa. Ravachol arremessara uma bomba na Câmara dos Deputados, em Paris, em plena sessão.

Oliveira Martins, que se quedara em silêncio, pensativo, commentou:

— Estes anarquistas lembram-me os primitivos cristãos...

D. Vitória fita-o, como que assombrada:

— Joaquim! Os cristãos não matavam, morriam...

Na pequena tertúlia outra vez o silêncio nos envolve, mas diferente, mais denso, como se nos mergulhasse nas profundezas gélidas de um passado longínquo...

E cada um fica recolhido, absorto. João Saraiva sente-o, e restabelece a comunhão.

Informa que continua a escrever. Tem ali na carteira cópia de duas das suas últimas composições. Foram escritas no fim do ano passado.

E lê:

ENCONTRO OCASIONAL OLIVEIRA MARTINS E ANTERO DO QUENTAL RECORDADOS POR UM DOS SOBREVIVENTES DA "GERAÇÃO DE 90" O GRANDE POETA JOÃO SARAIVA

POR DA CUNHA DIAS

AS FIEIS ILUSÕES

*As ilusões desta vida
Nunca a Razão m'as desfez!
Nenhuma dei por perdida
Que a não bejasse outra vez...*

*Águas que descem da terra,
À terra têm de voltar:
Leva-as o rio por terra
E elas voltam pelo ar...*

O AMOR E A MORTE

*O Amor, que via correr
A Morte, de lar em lar,
De foice erguida, a abater
O que ele andara a criar,
Chamou-a, um dia, a gemer:
— «Ó Morte, vem-me buscar!»*

*E a Morte diz-lhe, a sorrir:
— «En não te posso levar!
Tu devias reflectir
Que eu deixava de existir
Se deixasses de criar...»*

*E foice em punho a luzir,
Continuou a ceifar...*

E depois recita-nos o seu último soneto:

*Amigos! Já no cais o mar balança
A caravela negra, que nos leva
Pálidos nautas, por um mar de trevas,
Deixando para trás toda a esperança.*

*Depois de tanta dor, que em nós se seiva,
É ali, afinal, que se descança...
Já da amarrada um braço lesto aoupa,
E a âncora, do fundo à proa, eleva.*

*Toca a bordo a sineta, que me chama;
Arfem as velas, acabou-se o drama.
A caravela vai fazer-se ao mar.*

*E tu, ó Dor, irmã gêmea da Vida,
Não te abraças a mim à despedida,
Deixa-me agora, ao menos, descansar...*

João Saraiva publicou o seu primeiro livro, *Serenatas*, em 1886, e mantém-se ainda, como estas composições demonstram, senhor da forma.

E também senhor de si mesmo: este belo soneto, escrito nas vésperas dos oitenta, revela uma firmeza serena, a resignação calma e segura de um cristão.

APP
Rainha da Hungria
 OS PRODUTOS DE BELEZA HA MUITO CONSAGRADOS PELA MULHER ELEGANTE
 7^o CAMPOS
RAINHA DA HUNGRIA



Yoko começa a sua toilette lavando a cara com água fria



Primeiro, aplica à cara uma espessa camada de uma substância semelhante a greda



1) Os frequentadores quando chegam deixam a calçada à entrada, na *agishaya*. Ai recebem-nos duas raparigas. A *agishaya* que está de joelhos é Yoko Minami, a noiva. O proprietário da casa costuma escolher as raparigas de acordo com a posição social e económica do cliente... 2) As despesas da conversação, durante o jantar, são feitas pelas raparigas, que raramente comem, mais interessadas em obsequiar os seus clientes. Uma das partes mais importantes da sua educação é a aprendizagem da maneira de servir e comer e as bebidas. Aprendem também a aceitar a opinião de que todos os homens japoneses são seres superiores.



Aqui prepara o penteado...



... E arranja o toucado.



Amacia as mãos...



... E arranja o toucado.

EM TÓQUIO É DIFÍCIL ENCONTRAR UMA VERDADEIRA "GEISHA"...

1) Uma "geisha" de atitude senhoril, uma tocadora de *esamisen* chamada Tamasha, tapa os ouvidos quando um frequentador conta uma história que ela considera imprópria para ser contada a uma senhora. Supõe-se que as geishas são indiferentes à obscenidade. O *esamisen* é um instrumento semelhante ao alaúde, e serve para acompanhar canções. 2) Yoko, a noiva, recebe um cumprimento do seu conviva. Ele deu-lhe a sua própria chávena e encheu-a de *sake* (vinho de arroz). Deste modo testemunha-lhe o seu interesse por ela. As noivas são meras assistentes, enquanto não se tornarem geishas completas. E Yoko tem, ainda, 16 anos...



Entretem os clientes com danças clássicas, enquanto estes jantam. A entrada nos casos de geishas que ainda subsistem, exige uma apresentação. O pedido deve ser feito com uma semana de antecedência. Nesta casa de Kioto, as raparigas ganham cerca de 1.000 yen (67 dólares) por mês. Metade deste dinheiro vai para a casa e para a Associação Protectora das Geishas.

As geishas participam com os clientes nos bailados folclóricos, executados, principalmente, com as mãos. Nunca se dança ali à maneira ocidental. As G.I.S. que se encontram no Judo Aninorum «jitterbugging» e «swing» às raparigas de Tóquio, onde os grandes «dancings» se multiplicam para a exibição destas danças endiabradas.



O Japão ocupado abundam as senhoras pintadas que se fazem passar por insupestas «geishas». Mas as «geishas» fazem parte das inúmeras baixas da guerra... Não se encontra nenhuma em Tóquio. Para conseguir descobrir aquelas, cujas fotografias publicamos, Alfredo Eisenstaedt, fotógrafo da revista «Life», dedicou-se a demoradas e trabalhosas pesquisas noutras cidades. Finalmente, lá conseguiu encontrar uma verdadeira «geisha» em Kioto, no Ichi Riki (Força Única), onde raparigas, impecavelmente educadas, exerciam a sua tão mal compreendida profissão, misto de entretenimento, conversação e companheirismo.

A autêntica «geisha» segue a sua «arte» com verdadeira dedicação. As raparigas japonesas desejam tão ardentemente ser «geishas» como muitas americanas desejam entrar para a Broadway. Tornar-se «geisha» significa, para as raparigas japonesas, uma vida de ociosidade e de luxo. Frequentemente, os pais de uma rapariga entregam-na aos cuidados de uma ex-«geisha» para que a eduque, o que gasta, em média, os seus dez anos. Em perfeita clausura, a rapariga é ensinada a cantar, a executar danças clássicas, a ter maneiras e, principalmente, a saber conversar. Até aos 18 anos é uma «maiko», uma noviça, como Yoko Minami, cuja fotografia se encontra nestas páginas.

Se, nesta altura, as lições recebidas produziram o efeito esperado e se ela possui a habilidade requerida para entrar numa «geishaya», torna-se então membro efectivo do seu grupo profissional. O sucesso, daí por

diante, dependerá apenas dos seus méritos próprios. Uma «geisha» famosa, Eukichi (Sorte Hesitante), retirou-se, recentemente, da sua profissão com 86 anos...

A assistência das «geishas» é consequência directa do baixo nível social da mulher japonesa. A esposa japonesa pouco mala é do que uma escrava, no seu próprio lar. Raras vezes sai à noite com o marido, mantém-se silenciosa, a um canto, quando há visitas em casa, e nada sabe dos problemas ou negócios do marido. O amor é coisa que só muito excepcionalmente se obriga no matrimónio. Para quebrar o fastio que a monotonia da vida doméstica provoca no japonês, este, há já muitos séculos, vai procurar a companhia das «geishas» para encontrar ali a calma e o prazer.

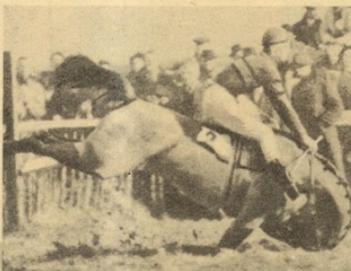
E esta é razão porque uma «geisha» (palavra que significa *woman perfect*), deve ser completamente treinada na arte de agradar aos homens, de saber entender as suas infelicidades e de os entreter.

Com os visitantes habituais, algumas «geishas» podem sair do campo do puro entretenimento, mas isto, no entanto, não faz parte do seu dever profissional. As muitas astutas procuram abastado de qualquer admirador bastardo que a tome como amante ou «segunda esposa». Quando a primeira mulher morre, este japonês, frequentemente, casa com a sua «segunda esposa». Algumas «geishas» têm conseguido, deste modo, entrar no seio das melhores famílias japonesas, onde encontram a segurança que desejam para o seu futuro. E as que o não conseguem vão vivendo nessa esperança...

DEVAGAR QUE TENHO PRESSA...

ESTES dois magníficos instantâneos dão-nos a queda dum «jockey», queda aparatosa e que a máquina fixou prodigiosamente.

E mais uma vez se prova que, às vezes, não vale a pena correr...



prefira

SHEAFFER'S

a caneta de tinta permanente de fama mundial

use

Skrip

O SUCESSOR DA TINTA

DISTRIBUIDOR PARA PORTUGAL:
AZEVEDO & DUARTE, L.^{DA}
RUA DO CRUCIFIXO, 76, 1.^º - LISBOA - TELEF. 26294

O VII PORTUGAL-FRANÇA EM FUTEBOL



A equipa lusitana



Os jogadores representativos de Portugal



Uma fase de grande momento



Um momento bem defendido



Os capitães vestem os tradicionais galegos



Aerada intervenção oportunamente



O defesa francês segura a bola

CONSTITUÍDO no ano de 1906, o futebol português em 1934 deu um salto de gigante, ao disputar o VII Torneio Portugal-França. Este torneio, que se realizou de 12 a 20 de Junho de 1934, em Lisboa, foi o primeiro realizado em Portugal. O torneio, que decorreu com extrema liberdade e dentro das melhores regras desportivas, levou a cabo uma obra de grande importância, tendo sido o primeiro de um género que se deve renovar mais e mais vezes.



Das aspectos de assistência ao VII Portugal-França



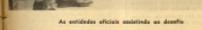
O presidente da Federação Internacional de Futebol Associação, Jaime Horta, falando com o Director Geral das Desportas



O casal francês aos gostos e prazeres de um passeio a Portugal, no momento das jantinas «Baccara» e «Fresco-Salvo», mantidas em respeito



Os ministros de Educação Nacional e de Esportes Franceses, falando com outros capitães da equipa de França



As sessões oficiais realizadas ao desporto



Aspecto de baile no Casinó das Baixas, em homenagem à equipa francesa



Marcelle
COSMETICOS
HYPO-ALERGICOS

Um brinde para o mundo feminino
Não há nada que os iguale

Certamente já a V. Ex.^a lhe terá acontecido depois de usar produtos de beleza que a deveriam tornar formosa, descobrir que a sua cutis se torna avermelhada, escamosa e rugosa. V. Ex.^a terá que mudar imediatamente de cosméticos e usar os únicos que não lhe farão mal e lhe farão realçar a sua beleza: são os produtos de beleza **MARCELLE HIPO-ALERGICOS**. Estes produtos são completamente diferentes de todos os que existem no mercado, e são aprovados pela Associação Médica Americana, o máximo prémio que um produto de beleza pode ter.

Batons nos tons: GARNETT, CHERRY, ROBIN RED, CARMEN,

Recargas nos mesmos tons a 25800 cada
 Cremes faciais de dia, de noite e foundation a 120800 o botão grande.
 Pó de arroz a 70800 a caixa. Cake rouges a 25800. Rouge creme a 20800 — Fabricados e embalados em Chicago — USA.

A venda nas principais casas da especialidade

PAOLO COCCO RUA ANDRADE, 8, s/c., Esq.
 Telefone 4 7704



Jogos para pessoas
crecidas

MUITOS adultos não executam jogos porque «parece mal», ou porque esqueceram os que aprenderam em criança. Preferem jogar cartas, ou passar horas a discutir à volta de uma mesa. Numa reunião realizada em casa da artista Neyna McMein executaram-se vários destes jogos.

Nesta página apresentamos três exemplos que exigem destreza manual e muscular e equilíbrio.

Jogo dos fósforos — ganha o jogador que conseguir, em menos tempo, colocar todos os fósforos em equilíbrio sobre o gargalo da garrafa.



- 1) Levantar com os dentes um lenço posto no chão, mantendo o corpo em equilíbrio sobre um pé. A melhor maneira de o conseguir é fazer o flexão rapidamente.
- 2) Este jogo exige que o executante espete um alfinete numa das pernas da cadeira tirando-o em seguida com os dentes. Tem que ser executado sem abandonar a cadeira nem tocar no chão.



Wenceslao Fernández Flórez

INIMIGO N.º 1 DAS CORRIDAS DE TOUROS DE MORTE, DIZ-NOS QUE O HUMORISMO É IMPOSSÍVEL NA ACTUALIDADE

Especial para "Vida Mundial Ilustrada" — Entrevista de Luiz de Quadros

WENCESLAO Fernández Flórez é, como todos sabemos, um dos melhores escritores do mundo hispânico e, segundo cremos, um dos mais brilhantes humoristas dos nossos dias. Senhor de um estilo muito pessoal, toda a sua vastíssima obra está enverilhada de um humorismo muito fino que não depressa é autêntica sátira como logo a seguir requintada ironia. Originário do ridente país galego que nos seus vales albergou as hordas celtas que invadiram a Península, vózdas das planícies da Europa Central, e que dali possivelmente saltaram à sempre fértil Irlanda, Wenceslao Fernández Flórez tem, talvez por isso, muitos pontos de contacto com o genial irlandês Bernard Shaw, cuja indestinguível ironia tem mais poder de penetração do que uma colúmba blindada... Mas enquanto a ironia de Shaw é castigadora como um aporreaço, o humorismo de Fernández Flórez, menos violento em geral, faz doer como um belisco na epiderme

das massas... Mas deixemos esta ídica comparação aos conspícuos estudos académicos e entremos no do interessante autor do «Porque te engana o teu marido», do «Ladrão de glandúlias» e de tantas outras obras que fazem a delícia de milhares de leitores de todo o Mundo.

A casa do escritor em Madrid está situada numa larga avenida onde passam eléctricos e automóveis, e até, subterraneamente, uma linha de metros. Fica, pois, numa artéria onde há barulho, escaixas e outros gritos mais que parecem não incomodar Fernández Flórez. Mobilizado com muito gosto, a casa revela todo o cuidado de umas senhoras não femininas, que ali não existem afins, pois o seu dono é solteiro... Entramos para uma saleta de estilo antigo onde um calor suave nos faz esquecer o muito frio que faz lá fora. Enquanto observamos o grosso vilume de que é autor João Gaspar Simões, intitulado «Arte de Queiroz, o Homem e o Artista», ainda inédito para nós, mal damos pela entrada súbita de Fernández Flórez que risonhamente, nos estende a mão em cumprimento.

O livro de Gaspar Simões levanta a falar-lhe das comemorações em honra de José Maria Eça de Queiroz. Fernández Flórez, falando-nos com grande carinho de Portugal, que de norte a sul conhece melhor do que muitos portugueses, diz-nos estar preparando uma conferência a pronunciar em Lisboa a convite do Secretariado Nacional de Informação. Confessamos o seu temor pela mesma porque — diz — é muito difícil falar de Eça de Queiroz em Portugal, onde toda a gente sabe, através de tantas obras publicadas, a vida completa de que é um dos maiores escritores peninsulares de todos os tempos. É, fino humorista galego é também um admirável conversador — assim, vai nos dizendo que, levado pela sua grande paixão pelo autor de «Mata» e «Ainda amos-te», a recente tradução em castelhano de «Capital», «Salves & C.», «Conde de Abranhos» e parte de «As Farpas»

E porque de todos os escritores espanhóis o mais influenciado por Eça de Queiroz foi Val-Inclán, segundo se pode ler na História da Literatura Española, de Hurtado e de La Serna, pentinámos a Fernandez Florez se, em seu entender, é muito acentuada a influência queiroziana nos escritores de Espanha de há vinte e cinco anos. Wenceslao Fernandez Florez responde-nos:

— Muito acentuada, não. Compreende, todos nós fomos influenciados pelo grande Eça na nossa juventude literária. É, próprio, confesso, fui muito influenciado por Eça de Queiroz, cujos livros eu então avidamente, tão avidamente que voluntariamente traduzi, como já lhe disse, alguns dos seus melhores livros.

— E como falar em Eça de Queiroz é quase o mesmo que simbolicamente falar do vivo de intelectuais que é o Chileo, trocámos então algumas impressões sobre escritores e jornalistas portugueses que Fernandez Florez conhece e admira. O nome de Rogério Perez, o conhecido crítico taumático, vem por mereço a flor da entrevista. Fala-se de outros. Recordo ao escritor um seu artigo recente no ABC sobre o assunto — e afirmo a Fernandez Florez a minha sincera aversão pelo bárbaro espectáculo dos touros em Espanha. O autor de «Os Oculos do Diabo» tem, então, esta extraordinária saída, que revela uma fina sensibilidade.

— Sou hoje, em Espanha, o inimigo número um das corridas de touros de morte. Não acha que é uma autêntica «salvajaria»? Creia, los toros não nos significam absolutamente nada! — Sim, de facto um país que possui uma tão grande riqueza musical, coreográfica e pictórica podia muito bem prescindir de tanta espectacularidade que tão mal educa a juventude. E mudando de assunto: — que me pode dizer da expansão da sua obra em Portugal: está contente com o seu êxito?

— Sim. Muito contente. Tenho uns dez livros traduzidos em português. Contudo, e apesar do êxito dos meus livros, hoje não encontro editor em Portugal — assim mesmo, não encontro quem, ali, edite os meus livros... — E no Brasil? Os seus livros têm sido editados neste país?

— Quase posso responder-lhe negativamente, dado que tenho só um livro editado no grande país brasileiro.

— E como vê V. Ex.ª a literatura portuguesa na actualidade? Mais precisamente os poucos humoristas, sustentados do nosso tempo?

— Hoje em parte alguma se publicam bons romances, mas sim «grandes romances». Grande, claro está, no tamanho... O espírito humano não vive em liberdade, vive condicionado pelas tragédias. Repare, na actualidade, todos os dias se lêem romances — pois bem, não há ninguém que se condene. Os homens que vão morrer por este ou aquele razão... A Rádio acaba de nos informar que a Brazy, ministro ninguém, foi concedido, como graça, o fustilamento em vez do enforcamento... Não acha que isto é de uma trágica ironia?

— E após uma ligeira pausa:

— Faz falta ao homem de hoje uma indispensável posição «sincera» intelectual... Os homens de hoje vivem apalxonados, coléricos e despetados... Hoje os homens são apalxonados; os temas humanos são machucados; portatários, o verdadeiro humorístico impossível no Mundo; o bom humorismo é, claro está, a boa literatura.

— E como vê, apesar de tudo, a posição do romance na Espanha actual?

— Como é de compreender, nós também sofremos da paixão avassaladora do espírito de que acabo de falar. Dos poucos romancistas que hoje possuímos, são de considerar Camilo José Cela, Carmen La Foret e Zanzunegui.

— Fazemos notar a Fernandez Florez a nossa estranheza pelo diminuto número de escritores existente em Espanha. E o autor de «Fantasmas» diz-nos então que muitos escritores espanhóis se exiliaram voluntariamente em dinamismo da vida de hoje não é de moide a preocupar os jovens pela criação literária. Esta afirmação levanta a replicar-lhe com o contraste de Portugal, onde há, relativamente, muitos escritores. E Fernandez Florez contesta-nos então que tal exaço deve ser, em grande parte, proveniente da «desmedida» paixão dos espanhóis pela vida de rua e de café... — Analisando a literatura espanhola dos últimos cem anos, não será de assinalar a interessante posição conquistada pelos escritores galegos em relação aos das restantes regiões de Espanha?

— Sim; a Galiza tem produzido, de

PARA QUE SERVE UM LENÇO...

BETTY e Virginia Baker, um casal de encantadoras gêmeas de 21 anos, são mestras na utilização como vestuário (10 minutos, é claro...) de vulgares lenços de fantasia. Aqui as vemos numa das suas demonstrações. Qual é a vossa opinião, leitoras? As das leitoras, essa nem se pergunta...



Primeiro, Betty ajuda a Virginia...



Depois, a Virginia dá um jeito ao lenço de Betty...



E aí se tem, encantadoramente despidas...



Betty e Virginia, «vestidas» com lenços

APRENDA EM SUA CASA

CURSOS

Guarda-Livros DE Língua Portuguesa
Chefe de Escritório Língua Francesa
Cálculo Comercial Língua Inglesa
Curso dos Liceus Correspondente



Recorte este anúncio e remeta-o à

Escola Lusitana de Ensino por Correspondência, que lhe enviará, grátis, na volta do correio, o folheto de propaganda. - R. DE S. MAMEDE, 32, 3.ª-Esq. - LISBOA

facto, bons escritores, mas isto não chega para se poder falar numa supermacia galega.

Com o falásemos num certo movimento «galeguista» iniciado no final do século XIX, por alguns intelectuais galegos, Fernandez Florez cita-nos, então, os nomes de Pondal, Curro Enríquez, Rosalia de Castro, Garcia Ferrero e Auhos como os escritores de maior prestígio que constituíram o «galeguismo» movimento que fracassou devido, em grande parte, à pouca expansão do idioma galego comparado com o castelhano...

E tendo em conta uma conferência que o Professor Gimenez Caballero semanas antes havia proferido na Cidade Universitária, de Madrid, sobre Cinematografia, ouímos perguntar ao ilustre escritor se, em sua opinião, os filmes sonoros podem ser encarados como uma nova expressão literária. Fernandez Florez sorriu, e comentou:

— Não, de modo algum. E a considerá-los desse modo nunca poderiam deixar de ser vistos como uma expressão cinematográfica inferior. Repare: enquanto um romance é sempre um «filme», uma fita pode deixar de ser uma novela...

Concordando plenamente com o grande escritor, hoje tido em Espanha como o melhor «galeguista» da cinematografia espanhola, despedimos-nos de Don Wenceslao Fernandez Florez, simpático cavaleiro da Ordem Universal do Espírito, que odeia os «tours» e as mulheres feias — segundo dizem aqui... em Madrid.

RADIO Control

ARMANDO S. FERREIRA
Laboratórios da Radioeletrotécnica

33, RUA DR. SOUSA MARTINS, 35 — LISBOA — TELEF.: 4 1752

Toda a classe de trabalhos da indústria Rádio Eléctrica

Essolube

Lubrificante Ideal



(sinónimo duma lubrificação
garantida)

Exclusivo de
H. Vaultier & C.º
Organização EAGLOIL



Hollywood manda-nos uma alegoria da Páscoa, onde podemos apreciar, a par dos tradicionais ovos, uma das mais graciosas «coelhinhos» da nova geração — Jean Porter. Se a fotografia chegou com ligeiro atraso, o leitor não terá razões de queixa. Porque Jean vale bem e espaço gaste com a publicação da sua imagem. É, na realidade, uma daquelas «coelhinhos» a que apetece afagar o pêlo...



Os novos automóveis "Chrysler"

Na elegante estada dos seus agentes, a Sociedade Portuguesa de Automóveis, L.ª, na Avenida da Liberdade, 71, foram há dias, apresentados ao público os novos modelos de automóveis «CHRYSLER» — uma das grandes marcas da América com fama em todo o mundo.

Os carros que estiveram em exposição, e foram admiradíssimos, primam pelas suas linhas aerodinâmicas duma apresentação dos mais belos, perfetos e luxuosos, e oferecem como inovação mecânica as mudanças automáticas — que constituem um dos grandes aperfeiçoamentos da indústria automóvel dos Estados Unidos.

De facto, a exposição dos novos modelos «CHRYSLER» constituiu um «clou», marcando como um notável acontecimento do nosso meio. Foram, portanto, perfeitamente justificados os elogios que foram dirigidos aos *ars. Sebastião e José Teles* — sócios da firma agente dessa marca.

Muitos e certos, entre outras individualidades representativas, os *ars. eng.º Espregueira Mendes*, subsecretário das Comunicações; *eng.º Frederico Ulrich*, subsecretário das Obras Públicas; Governador Militar de Lisboa, general Pereira Coutinho; generais Peixoto e Cunha e Casimiro Teles; Major, 1.º secretário da Embaixada de Espanha; coronel Pinheiro Correia; dr. Cassiano Neves; Ministro da Colômbia; *eng.º Anselmo Pinto Bastos*, director da Vacuum; e Dr. Saraiva de Carvalho.



Um aspecto da passagem de modelos



A "NOITE DA MODA"

NO THEATRO DO GINÁSIO CONSTITUÍU
UM GRANDE ACONTECIMENTO
ARTÍSTICO E MUNDANO

A Casa Aguiar, em colaboração com a Sociedade de Tecidos Altex, organizou, no Teatro do Ginásio, uma interessante festa, de requintada elegância e com um notável programa artístico, criteriosamente elaborado.

Foi exibido um filme documentário daquela fábrica, e a poetisa D. Maria Manuela Couto Viana fez uma palestra acerca da história da Indústria da seda em Portugal, após o que recitou algumas poesias de sua autoria.

Seguiu-se o grande «clou» da noite:— a passagem de modelos, na qual desfilaram as últimas e mais notáveis criações da moda, que João Viharet apresentou com o seu elegante humorismo.

O ilustre artista recitou ainda algumas poesias, e contou anedotas, muito aplaudidas.

Mas o programa não ficou por aqui. E tivemos os bailarinos Yvone e Fanar e Carmen Romero em vários números do seu repertório.

O espectáculo foi abrilhantado pela Orquestra de Variedades do maestro Fernando de Carvalho, e a ele assistiram a esposa do Chefe do Estado e inúmeras senhoras da nossa primeira sociedade.



As gentis senhoras que apresentaram os modelos da Casa Aguiar com tecidos da fábrica «Altex».

¡Desportos!

O esforço desordenado que os desportos exigem do organismo, necessita de ser compensado proporcionando aos músculos e aos nervos o alimento adequado.



A precisão dos movimentos obriga a uma concentração de todas as energias.



A agilidade e a rapidez de acção exigem uma perfeita harmonia entre músculos e nervos.



A elegância dos movimentos requiere a máxima elasticidade.

Um breve tratamento com 4 comprimidos diários, restituir-lhe-á o equilíbrio dos seus nervos e o bem estar físico, tornando-lhe o desporto fácil, agradável e de uma real utilidade para a saúde.

Consulte o seu médico e peça sempre o legítimo Fósforo Ferrero.
A venda em todas as farmácias em caixas de 20 e 40 comprimidos.

Fósforo Ferrero

SUPER ALIMENTO VEGETAL DE ALTO PODER RECONSTITUINTE E NUTRITIVO



A força e resistência combatidas demandam músculos sólidos e potentes.



O equilíbrio e a velocidade em baixas temperaturas produzem um maior gasto de energia.



A velocidade exige um conjunto muscular resistente e bem tonificado.



O impulso e o duntido exigem uma perfeita coordenação nervosa.

A sensação de fadiga, a diminuição de força motora, de elasticidade nos movimentos, de agilidade, de energia, são os sinais de alarme pelos quais o organismo anuncia uma perda de resistência.

Se notar qualquer destes sintomas recorra com confiança ao Fósforo Ferrero.



COMPANHIAS REUNIDAS
GÁS E ELECTRICIDADE
PÁSCOA-1946

CANÇÕES ALENTEJANAS EM NOVOS DISCOS

"His Master's Voice"

GRAVADOS NO LOCAL PELO
RANCHO CORAL DE SERPA



As 10 canções que apresentamos foram recolhidas em SERPA igualmente são cantadas pelos grupos populares em toda a sua espontaneidade e pureza.

- EQ 353 — *Eu aqui, mil vezes aqui — Ceifeira*
- EQ 354 — *A Rita — Lirio róxo*
- EQ 355 — *a) Olha a noiva se vai linda — b) O Pavão — Vamos lá saindo*
- EQ 356 — *Lá vai Serpa — Ó Morena*
- EQ 357 — *Tenho barcos, tenho remos — Rosa branca desmaiada*

EST. VALENTIM DE CARVALHO
RUA NOVA DO ALMADA, 97

Expedições para a Província: Em remessas de 6 ou mais discos as despesas de porte e embalagem são de nossa conta.



Companhia Colonial de Navegação

Paquete
Colonial

para **Funchal, S. Tomé, Sazaire Luanda, Lobito, Moçamedes, Lourenço Marques, Beira e Moçambique**

e outros portos sujeito a baldeação, sairá a 26 de Abril, com escala por **Leixões**

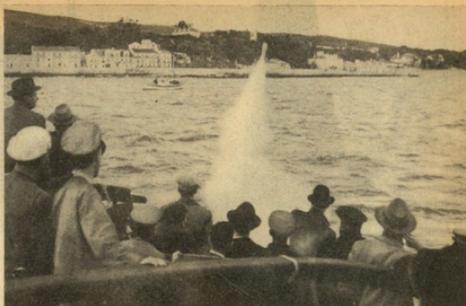
As passagens para o Funchal só são vendidas depois de satisfeitos os pedidos para a África

LISBOA - Rua do Instituto Virgílio Machado, 14
Telefone: 20058

PORTO - Rua do Infante D. Henrique, 9
Telefone: 2342



1) O sr. subsecretário de Estado das Comunicações, conversando com os técnicos. 2) Um aspecto das demonstrações.



VALOR DE QUALQUER DESENHO EM PRETO OU COLORIDO SEMPRE TAMBÉM DE UTILIZAÇÃO DE LÁPIS DA MARCA

Caran d'Ache

REPRESENTANTES
GERAIS
DUNKEL & ANTUNES, L.^a
R. AUGUSTA, 56-1.^a
TELEFONE 3 4151
LISBOA

AS DEMONSTRAÇÕES DA APARELHAGEM SALVA-VIDAS SCHERMULY

Em frente de Paço de Arcos e nas proximidades da Cova do Vapor, realizaram-se, há dias, curiosas demonstrações com aparelhagem salva-vidas «Schermuly».

Os convidados, entre os quais se contava o sr. eng. Esperqueira Mendes, subsecretário de Estado das Comunicações, assistiram, a bordo do «Cabo Espichel», às demonstrações, que mereceram, dos técnicos, os maiores louvores.

A casa Schermuly é a inventora e produtora do foguetão porta-cabos de ignição automática de que dispõem todos os barcos salva-vidas zero-transportados e lançados pela R.A.F. em socorro de aviadores caídos no mar e de marinheiros, em jangadas; a fábrica Schermuly tem atrás de si uma experiência conquistada com cinquenta anos de especialização. Na sua produção estão incluídos foguetes marítimos de socorro de 75 mil velas para pequenas embarcações e foguetes automáticos de nada menos de 7 milhões de velas. Deve dizer-se, a propósito, que os seus últimos foguetes de pára-quadras de ignição eléctrica de 40 mil velas, estão sendo usados pela British Overseas Airways Corporation para a amarração dos seus hidro-aviões transatlânticos, durante a noite.

Além do sr. subsecretário de Estado das Comunicações, assistiram os srs. Charles Schermuly, director geral da casa Schermuly; H. F. Fairbrother, director de vendas; os gerentes da firma C. Santos, representante daquela fabrica inglesa, srs. Libânio Correia e Fernando Mendes de Almeida; o seu técnico, eng. Veiga; e, ainda, o chefe de serviços marítimos da Administração do Porto de Lisboa, sr. comandante Manuel Bento; os funcionários superiores daquela Administração, srs. eng. Leo Maginatel e comandante Correia; alguns oficiais aviadores do Exército e da Armada; o sr. capitão Silva Pais, como representante da «Revista Militar», etc.

TEATRO PARA CRIANÇAS

Na Inglaterra, o Joung Vic — teatro para crianças — dará a sua primeira representação em Setembro, durante as férias grandes. O sucesso desta interessante experiência dependerá, em grande parte, da cooperação do pessoal dos estabelecimentos de ensino e das autoridades locais. As peças serão representadas em recintos abertos. Ao contrário do que sucede com os espectáculos para adultos, nenhuma pessoa crescida poderá entrar ali se não for acompanhada por uma criança.

E' distinto!

PREFERIR
Guimar, Lda
PARA DECORAR

181, rua da Prata, 181, tel. 2446, LISBOA

PARA UMA REFEIÇÃO SABOROSA!



Desapareceram as dores

Não deixe que lhe estrague todas as refeições a sensação de fogo no estômago, flatulência ou dispepsia. Tome uma colher de chá de Magnésia Bisurada em pó ou 2 a 4 comprimidos. Não tem igual para combater o excesso de acidez — frequentemente a causa de ardores, flatulência e outras formas de indigestão.

DIGESTÃO ASSEGURADA com MAGNÉSIA BISURADA

A venda em todas as farmácias, em pó ou comprimidos, a 15\$00 e 23\$00.

UM de cada 4 carros saídos das fábricas americanas, usam, como equipamento original, Velas AUTO LITE

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
AUTO LUSITANIA
AV. DA LIBERDADE, 75-77-79 - LISBOA

AUTOMÓVEIS PLYMOUTH - DODGE - DE SOTO - CHRYSLER - NASH "400" - WILLYS - CROSLY - CAMIONS DODGE - PLYMOUTH COMMERCIAL - FEDERAL - GRAHAM - STERLING - OSHKOSH - BIEDERMAN - TAXIS CHECKER - DE SOTO - TRACTORES MASSEY-HARRIS - MOTORES MARÍTIMOS CHRYSLER - STAR - GRAY - UNIVERSAL - BRIGGS & STRATTON - CONTINENTAL - CARROS COMBATE WILLYS - OVERLAND e BANTAM, ETC., ETC.

Vinhos do Porto
só
CORREIA RIBEIRO

Disponível em todos os bons estabelecimentos Brandy e Aguardentes Velhíssimas

Depositiário: G. Calderon Diniz
Alameda D. Afonso Henriques, 76-A - Lisboa
Telef. 51764



Publicidade à americana

TRÊS RAPARIGAS ENGRAÇADAS CHAMAM A ATENÇÃO DO PÚBLICO PARA OS "CUEIROS" DOS BEBÊS

Os membros do O.S.I.A. são especialistas de lavandaria. E reuniram-se em Chicago, perante a indiferença do público, para tratar do magno problema da lavagem dos cueiros das crianças. Nenhum jornal se referiu a esta reunião, e as mããs não chegaram a saber o que se passou.

O editor do jornal «The American Baby», lembrou-se, então, de chamar a atenção do público com a fotografia destas três gentis raparigas, vestindo cada uma o seu cueirinho.

E o público e os jornais passaram, milagrosamente, a manifestar o máximo interesse pelo magno problema da lavagem dos cueiros...

Três coristas exibem os cueiros, enquanto o filho de uma delas segura melhor o alfinete

Casas Travassos

Rocio, 42-43
Lisboa
R. da Palma, 43

São as mais felizes na venda de grandes prémios da Lotaria Nacional Portuguesa

MEIAS AMERICANAS (NYLON-DUPONT)

51 Gauge

A autentica meia de vidro
Recebemos directamente em todos os tamanhos

MEIA DE VIDRO

Rua Augusta, 158

Extintores de tetracloreto de carbono

TETCO (AMERICANOS)

Aprovados oficialmente pelo Batalhão de Sapadores Bombeiros e Administração da Marinha Mercante

Os mais indicados para: Residências, Escritórios, Consultórios, Laboratórios, Automóveis, Garagens, Embarcações, etc.

Modelo Junior — Esc. 75\$00

Modelo Standard — Esc. 100\$00

Distribuidores gerais em Portugal e Ilhas Adjacentes:
Sociedade Comercial Pelleri, Lda

Esc.: R. Andrade, 63, r/c — Estab.: Rua dos Anjos, 18-A 18-B-P. B. X. 45835-Lisboa End. Tel. «Pollers»
No Porto: Rua da Torreinha, 34, 1.º. Telefone: 182



NÓS OFERECEMOS a vida e a beleza dos seus cabelos



«EMBRYODINE-C ou D» revolucionou a técnica da vida e da beleza dos cabelos. Não sendo uma brilhantina, dá, contudo, um brilho que já não se apaga. Os cabelos das senhoras, secos e quebradiços, devido a tinturas, «permanentes» ou descolorações, tratados com «EMBRYODINE-C», retomam instantaneamente o aspecto da juventude, tornando-se robustos, sedosos, ondulados e radiosamente brilhantes.

De do homem, quando tratados com «EMBRYODINE-D», não só deixam de embranquecer prematuramente, como se apresentam brilhantes, sedosos e fixos...

Para senhoras: EMBRYODINE-C — frasco para 15\$00 e 25\$00
Para homens: EMBRYODINE-D — boião, 20\$00

A venda nos bons estabelecimentos. Agente geral para Portugal e Espanha: J. SANTOS — Rua Santo Ildefonso, 29 — Porto. Distribuidores no Continente: ANTONIO FERREIRA PINTO, Lda. — Rua dos Curbedeiros, 123-1. — Lisboa

PEDAGOGIA E LITERATURA NOVA

A pobreza da literatura portuguesa no ensaio crítico ou doutrinário é um índice característico do tempo. O ensaio exige afirmação e difusão muito fortes de personalidade, uma clara estrutura de inteligência que não tenha de recorrer às palavras, uma exposição de ideias que não fuja ao pleno destino latente. Quando cultivado com vigor e largueza, pode tomar como género uma grande força de orientação da mentalidade; e quando esta se sente em crise, natural ou imposta, quando a flama da cultura viva se some na grande monotonia do reino cadaveroso, o ensaio que, para o ser plenamente, não pode balbuciar apenas, terá que adormecer até outro reino deste mundo o reanimesse.

A pedagogia e os seus problemas devem constituir actualmente um dos grandes motivos de acção existencial — como a política, como a economia no seu mais sério e profundo sentido humano, como a moral em esforço de renovação sobre os alicerces sociais da consciência. Se em tempo como o nosso, exigente das mais vastas e corajosas transformações, o debate das questões pedagógicas mal afiora à superfície da publicidade, é porque o tempo está sendo traído ou, a que é pior ainda, ignorado. Ignorado e traido pelos que mais impetuosamente deveriam cogitar no destino de uma comunidade humana que se atrasa, cada vez com mais difícil remédio ante o mundo que caminha; e até o empenho estérno dos melhores aparece pávido e frágil, diminuído nos seus horizontes, torcido no esforço de fazer sobreviver pelo menos alguma coisa do pensamento ao cetero opaco que o sufoca. O ensaio pedagógico-político precisa de vir a ser em Portugal um género persistente e fecundo, de literatura doutrinadora.

DIFICULDADES NA ACADEMIA FRANCESA

novos académicos que continuaram a revelar-se na eleição de 14 de Fevereiro. Pretendia ele, que sem candidatura prévia e por consagração pura do mérito se escolhessem para as vagas da Academia os grandes nomes de André Gide, Paul Claudel, Roger Martin du Gard e Jacques Maritain — no que o apoiava sem restrições François Mauriac. A veneranda Academia não concordou e elegeu o frouxo historiador Octave Aubry, o vago economista Barão Sellière, o escritor de segunda ordem Jean Tharaud e o frouxissimo Robert d'Harcourt, que só tem a destacação do nome de «villos souches» aristocrático. A Comissão Nacional dos Escritores, com Jean Cassou e Jean Richard Bloch à frente, associou o seu protesto ao de Duhamel e Mauriac; e só houve uma tardia emenda de mão com a escolha rentissima de Jules Romains, que vai substituir o colaboracionista Abel Bonnard, recentemente expulso porque a opinião pública já não toleraria muito mais. Estranho mal o das Academias de quase todos os países, cada vez mais decadentes numa solidão de que algum dia será necessário sacudi-las...



O mal da esterilidade, do pedantismo e do convencionalismo falso das Academias não é triste privilégio de alguns países sem que se faz da mediocridade um culto e uma garantia de irresponsabilidade impune. A França do profunda civilização intelectual, a França transformadora de história, a França que renovou no esforço da Resistência a sua alma e as suas possibilidades, acaba de passar pela prova desoladora do imutável academismo da sua Academia. Georges Duhamel pediu, há pouco, a demissão de secretário perpétuo da Academia Francesa — acontecimento de que não havia memória nos fastos da corporação. E a causa dessa atitude é eloquente e estranha nesse país que parece ter revolido as suas próprias entranhas para construir um novo destino. Duhamel protestou por essa forma contra as preferências convencionais e falsas na nomeação de

CRÍTICA DE AVROS

QUESTÕES PEDAGÓGICAS, por Lobo Vilela

Há poucos meses o nome do professor A. Lobo Vilela impôs-se com vigor e prestígio pouco habituais no nosso país quando se trata de debates de ideias conduzidos com elevação, através de uma campanha doutrinária em que revelou qualidades superiores de jornalista e pensador político. Através das ideologias e dos seus métodos, o que Lobo Vilela procura é a razão mais íntima das aspirações humanas progressivas; é a revelação do homem na pesquisa de um destino e na afirmação de uma dignidade que transcende o indivíduo como consciência solitária e o situa no mais alto plano dos valores sociais. Nessa atitude tem revelado este escritor um idealismo de sentido construtivo, intencionalmente prático e realizador. Com o mesmo espírito o vemos definir as suas possibilidades e intuítos neste livrinho de estudos pedagógicos que a «Seara Nova» publicou na série já longa e brilhante dos seus «Cadernos».

Em «Questões Pedagógicas» fundiu Lobo Vilela os artigos de uma campanha realizada há dois anos pelo magnífico jornal que foi «A Voz da Justiça», da Figueira da Foz. Começa por acentuar firmemente o conceito que muitos pedagogistas, por intenção ou sem ela, passam em claro: enquanto não se proceder a uma profunda reforma económica e social não é possível realizar-se uma autêntica reforma pedagógica. É nob

a inspiração desta verdade fundamental que o autor acusa a mediocridade aviltante do ensino universitário, servido por funâmbulos ineptos em que raramente cada vez mais as excepções; a pobreza do ensino secundário, ignorante da vida social e dos seus problemas concretos, ignorante do homem e dos valores decisivos que é necessário criar no adolescente; a carência lastimável da orientação profissional, que priva o organização do ensino de bases fundamentais para finais tão realmente criadoras; a grande miséria da permanência do latim como disciplina capital no ensino médio; e, através destas questões genéricas, muitas mais que uma organização pedagógica sem nervo e sem lógica, desprendida dos grandes valores da vida e ignorante do progresso humano, gélida a um espírito crítico com lucidez e desassombro.

Lobo Vilela possui, para a obra de doutrinar que este seu livrinho e outros precedentes consagram, o grande dom que é o estilo vigoroso, claro, contínuo e directo — estilo de quem que trabalha de olhos bem abertos sobre a realidade humana no nobre intuito de bem a servir e de idealista que não perde o sentido das necessidades práticas porque a sua preocupação se dirige a uma acção ideal.

«COROA DA TERRA», por Jorge de Sena

Com este livro de poemas vem tomada a obra de Sena um lugar ponderável na poesia moderna portuguesa. Tendo já marcado qualidades positivas na crítica, no ensaio e na conferência — os seus poemas «investigados» parecem pouco significativos e insuficientes para definir uma vocação literária — com estes versos de «Coroa da Terra» que Jorge de Sena se revela poeta com personalidade, com estilo característico e inegáveis aptidões — nos seus caminhos a seguir. O que logo avulta na leitura dos poemas de forma e conteúdo bastante variados que este livro reúne é a sua maneira de sentir. Jorge de Sena pensa mais os seus versos do que os sente. Advinha-se que eles tomam origem, não em lirismo íntimo e em calor de emoção, mas numa cultura literária bastante densa, em experiência muito vivida da criação alheia e numa virtuosidade intelectual em que devem reconhecer-se especiais méritos. No entanto, custa a crer que por esta via, de construção minuciosa, que o aparenta a certas correntes muito definidas da moderna poesia francesa, possa Jorge de Sena criar obra emocionante e profunda; à altura das aspirações que o seu talento literário lhe justifica. A língua portuguesa, emotiva, brilhante para a expressão lírica, nada analítica como a francesa, não favorece esta poesia cerebral e fria em que as emoções se afirmam muito fabricadas e intencionais. «Coroa da Terra» contém, todavia, magníficos poemas como «Estupro», «Ode a um reformador humano» e outros mais em que o autor conseguiu encerrar grande riqueza de sentidos, ideação vigorosa e um ritmo largo e sereno em que as palavras mais encaixam com solene e marmórea intelecção.

Poucas vezes, se não erro muito, se apresentou na literatura portuguesa um caso tão claro de poesia intelectual e analítica. Jorge de Sena ultrapassa muito bem algumas das suas inevitáveis dificuldades; e talvez que uma densidade maior encaixam com solene e marmórea intelecção.

LIVRARIA ECLETICA
LIVROS NOVOS E USADOS
Compra grandes e pequenas bibliotecas
Calçada de Combro, 58 — LISBOA

FAÇA DE PAPEL

- * Joaquim Paço d'Arros reuniu em volume duas conferências sobre o problema da criação do romance, com o título «Confissão e defesa do romancista». A matéria deste estudo presta-se a largo debate e tanto basta para lhe consagrar o interesse.
- * Em consequência do centenário de Eça de Queiroz viram ainda a público novos trabalhos sobre o grande escritor. «Eça de Queiroz, criador de realidades e inventor de fantasias», por Joaquim Costa; e «Eça de Queiroz, o romance da sua vida e da sua obra», por Gentil Marques. Obras de índole muito diversa, representam, afinal, o culto sempre actualizado do romancista.
- * A Colmbra Editora apresentou um novo volume de versos do grande poeta e romancista Miguel Torga, «Odes».
- * Reavivando o interesse popular pelas obras de ficção histórica de Alberto Pimentel, a Livraria Figueirinhas, do Porto, reeditou «A guerrilha de Frei Simão», daquete autor.
- * A Livraria Clássica Editora, apresentando a obra completa de Ramalho Ortigão apresentou recentemente o volume XIV das «Farpas».

PAPELARIA CARLOS
RUA AUREA, 34-38 ~ LISBOA ~ TELEF. 20244
Especializada em livros de escrituração e Artigos de escritório

PRODUTOS QUE REJUVENECEM A PESSOA



ASSEGURE A FRESCURA
E ROBUSTEZ DOS SEUS CABELOS
USANDO

Petróleo iodado
Eliper

Os cabelos deixam de cair — Novos
cabelos nascem com abundância



Experimentar os produtos *Eliper*
significa adoptá-los para sempre

CIMENTO "Tejo"

Fábrica em Alhandra

Pedir preços e condições
aos Depositários Gerais:

ANTÓNIO MOREIRA RATO
& FILHOS, L.^{DA}

MÁRMORES — CANTARIAS

AV. 24 DE JULHO, 54-F — LISBOA

Enderêço Telegráfico RATOFILHOS — Telefone 60779



Partida da equipa de "hockey" que foi à Suíça representar Portugal
no Compenato da Europa



↑
Horace Zino, antigo adido de Imprensa à embaixada inglesa, ofereceu um "cocktail" de despedida a um grupo de amigos e jornalistas portugueses, ao qual assistiram os srs. comandante Nuno de Brion, governador civil de Lisboa; brigadeiro França Dória, comandante da Defesa Marítima; adido naval britânico e esposa; Marcel Dany, adido de Imprensa à legação francesa; Luis Lupi, director da Associated Press; Guilherme Pereira de Carvalho, do S. N. I.; Carlos Selvogem, dr. Rafael Seruyo, da Vitória Filmes, etc.



Os bailarinos internacionais Yvone e Sarrar, que actuaram com êxito em Londres, Paris e Madrid, e se encontram presentemente em Lisboa

Os srs. Samuel R. Sequeira e Alberto Dias da Silva, sócios-gerentes da Fábrica de Borracha «Monsanto», industriais inteligentes e empresários que, na Sociedade Manufactureira de Artefactos de Borracha, Ltd.^a, têm dado inulgares provas duma actividade e conhecimentos técnicos excepcionais.



Realizou-se um jantar de homenagem ao nosso amigo José André dos Santos por motivo de sua partida para o Brasil, em serviço de «O Século».



O sr. governador civil de Lisboa procedendo à distribuição de agasalhos às crianças, no Junte de Freguesia de S.é.

RAPARGAS DE LISBOA

A mulher vai consumindo parte da existência numa luta titânica entre a moda — e a conservação da beleza.

Pode mesmo dizer-se que um terço da vida feminina é passado diante do espelho a fazer poses, ou na cadeira do cabeleireiro a frisar a cabeça.

Ilá, evidentemente, certas excepções que, de modo algum, se devem esquecer. Referimo-nos áquelas que trabalham e consomem tantas vezes anos de mocidade detrás dos balcões e nos escuros e bafentos escritórios a copiar minutos de insignificantes folhas. Mas, duma maneira geral, isto é: aquela mulher burguesa que acha desprimoroso ganhar a vida em qualquer mister e dá preferência ao salão de chá, linguareiro e intrigante — as grandes lutas femininas resumem-se em estreitar um vestido ou em amaciar um coração. Depois, contentes das fitas que vêm nos cabelos e da mulher americana enverga a ganga ou guia um avião, vêm, iradas, blasfemar porque não há-de elas, no bairro da Graça ou no da Estrela, ter à mão um aeródromo, piscina, salão de chá — que as emalpe deste viver monótono, sempre com o velho Chialdo a ditar leis mandadas.

Sim, a mulher sente que a vida, hoje, é diferente, vertiginosa, menos sonhadora, nesse ambiente lat'azeiro...dóctoan.

E val dai arranja um mestre para se litigar nesse ambiente, o cinema.

Cinematográficamente, todas as soluções se resolvem.

É a verdadeira caixinhá, não das surpresas, mas das ansiedades.

Qualquer raparga de vinte anos já dormiu, com o conhecimento da família, com o Garat ou o Power à cabeceira. Sonham que há-de ter destinos assim — rematados com um beijo longo, eterno, como viram naquella apoteose romântica «Sózinhos os dois»...

Posto o caso assim, a raparga desde que saiba tirar nomes de artistas em voga — e dance, com perfeita malaqueira, um «swing», vê logo que está apta a pensar na vida a sério.

Inscribe-se no Commissariado do Amor, uma delegação americana, turística e recreativa que tem muito valimento pelas boas regras de moral organizando piqueniques constantes, chás dançantes e distribuindo, além disso, por todas as sócias, retapos dos dólares mais famosos de Hollywood. Dentro dessa ampla escola cubem todas as vocações. É a verdadeira Universidade de cultura moderna. Aprendem a tingir os cabelos, a pedirem, quando casadas, vestidos raiados aos maridos, a fazer, sem desperdasas cenas de climas — com todos os grandes truques amo-

rosos, desde as pérfidas lágrimas comoventes aos arrotos e às fúrias para casa dos pais — e, quando formadas, providas do respectivo diploma, se não entram logo para o cinema, onde não há vaga, ficam à espera da primeira do «Grande drama matrimonial» com qualquer rapaz imprudente que caia na espar'ia do casamento. Evidentemente que se há-de dizer que isso nem sempre acontece.

Se o leitor visse, como nós, há dias, num espectáculo chique o desfile de meninas cinefílias e de rapaziños idem, idem, ficaria boquiaberto. Até lá vimos um, no meio de duas, muito frizadas, esguias, com rimel nas pestanas, que segurava, por delicadeza, na sombrinha de sêda branca e no cazoito irrequeto.

Pois esses homens eram bem mais ridículos do que elas — com penteados de popas, calças esverdeadas nas canelas, casacos roxos e um ar «vamp» de americano da rua do Conde Redondo.

Certas tardes em Lisboa, sobretudo no Chialdo, parecem águarelas cinematográficas. Não passam Marias — passam Verónicas.

É o que passa é a desenvoltura dos manejos, os olhos meiguinhos, o riso ensaiado de certas gargalhadas — dir-se-ia que deram corda meia dúzia de manequins ali no Loreto, e os deitaram a correr 'Chialdo abaixo.

É preciso, pois, que a raparga de Lisboa se nacionalize outra vez, ou que peça, em papel e em reser, patriação desse longínquo país do sonho, onde o cinema a levou.

Voltem a ser, únicamente, alfaiquinas, vestidas de chita ou de tóbralo, em tons claros, nesta Primavera abençoada onde o sol parece cantar.

É uma medida de saneamento estético — e até, vamos lá, uma legítima defesa do nosso património de beleza.

É que as cidadãs podem ter os seus prédios elegantes, os seus monumentos primorosos, um sol falcante e um céu desigualvel — mas o cenário adequado, a moldura que a aformosela ven dentro conjunido — onde a mulher ocupa um lugar de distincção...

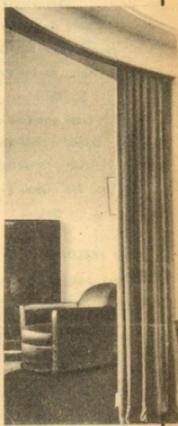
É custa, francamente, ver rapargas sem materialidade, iradas, pretensiosamente, com cabelos repuxados e malhas de «condutores», beuzantadas, enfiarinhadas, falando de ovidio um «eyes» de cinema — e mal sustentando um livro de Aquilão — querrem, à viva força, ganhar um lugar na Tohis — quando, juntamente, mereciam dois agóites.



Steinway & Sons — Bechstein
— Bluthner — Ibach — Ronisch
— Berdux — Seiler — Gaveau

Verticais e de cauda novos e em 2.ª mão
Facilidades de pagamento
VALENTIM DE CARVALHO

Rua Nova do Almada, 97



são as referências
que garantem os
bons serviços da
Casa

MEIOLANDA

Av. Duque d'Avila, 30 - Telef. 51569

Obras de

MARY LOVE

A idade de amar

Anie a preceptora

O segredo de Carla

Serás Rainha

Minho mulher é um homem

Quem mora naquele moinho

O meu noivo tem um tio

Olhos de porcelana

Uma mulher nasceu

O Sr. Dr. acusa

A mulher comprada

O teu marido sou eu

Quando o passado voltou

Eu sou a mãe

Casei com uma actriz

Entrou-me um coração pelo janelão

Sou uma mulher vulgar

O mundo somos nós dois

Achei o meu coração

Truquei o minho mulher

Venho dos braços da vida

Se eu fosse a luz dos teus olhos

A mulher de meu pai

Sou um seu criado

Divórcio

Rapsódia

Eternamente

Canto da Primavera

Já era assim há 100 anos

Sejas de tortolona

Ela e eu

Eram quatro irmãs

Quem roubou fui eu

Eva e o polhoço

Uma luz rasgou as trevas

Rajada

NO PRELO:

Foi a Mocidade que Voltou

Cada volume brochado 12\$00

Encadernado 22\$00

EM TODAS AS LIVRARIAS
E PRINCIPAIS TABACARIAS

Livraria Editora

Guimarães & C.ª

R. da Misericórdia, 68

O CENTENÁRIO DUM LIVRO

O QUE NOS DISSE GARRETT

ACERCA DAS "VIAGENS NA MINHA TERRA"

POR LUÍS DE OLIVEIRA GUIMARÃES

FAZ agora um século que se verificou em Portugal, nos domínios da literatura, um facto memorável: a publicação integral das *Viagens na minha terra*, de Almeida Garrett. Delicioso volume que conserva, através da névoa do tempo, a frescura e o colorido dum eterno aguaral! Se todos conhecessem um só dos livros de Garrett — já o escreveu Alberto Pimentel — e se esse livro fosse as *Viagens na minha terra*, ficariam tendo gravado no espírito o retrato intelectual, exacto nas feições, perfeito na semelhança, do notável homem de letras, porque ele está, de facto, retratado naquelas páginas com a sua graça, a sua ironia, a sua elegância, a sua erudição, a sua alma. Mas para falar deste livro, ninguém melhor do que o próprio Garrett. Digam-me-o que ele já não vive. Engano. A semelhança do que sucede com os grandes escritores e com os grandes artistas, a sua figura ergérgica e tutelar, envolve no gládio radioso da sua imortalidade continua, viva e palpitante, como se a animasse um coração eterno. Há obras que não morrem nunca. Há autores que transcendem os limites da existência vulgar. É o caso de Garrett. Ainda ontem ele me deu a honra de receber-me no gabinete da sua casa, a Saraiva de Carvalho. Era o mesmo Garrett de sempre, elegante, arguto, espirituoso, «divino», impéccavel na sua casaca verde bronze, fumando o mais fino dos cigarros (que segura, invariavelmente, com uma minúscula pinça de prata) e falando de tudo, de política, de literatura, de arte, de teatro, de livros e de modas, de flores e de mulheres, como o mais admirável, o mais cintilante, o mais comunicativo dos conversadores. Uma das razões do supremo êxito que o poeta das *Asas brancas* conquistou na vida tem de filiar-se, em grande parte, na sua maravilhosa arte de conversar — que é, afinal, a arte de seduzir. Sentado numa poltrona verde, defronte dele, éembeveado que o ouço, respondendo às minhas perguntas:

— Agora que se prefaz o centenário das *Viagens na minha terra*, gostaria que me dissesse como lhe nasceu a ideia deste livro?

— Eu lhe digo! — sorriu Garrett — Eu tinha, há muito, a ideia, embora vaga, porventura mais desejo que tenção, de conhecer as ricas várzeas do Ribatejo. Que viaje à roda do seu quarto quem está à beira dos Alpes, de inverno, em Turim, que é quase tão frio como a S. Petersburgo, ou, na designação actual, Estalingrado — entendeu-se. Mas com este clima, com este ar que Deus nos deu, onde a lanarjeira cresce na horta, e o mato é de murta, o próprio Xavier de Maistre, que escreveu *Voyage autour de ma chambre*, não deixaria, se tivesse

nascido em Portugal, de viajar um pouco mais além, através das nossas terras em flor. Uma tarde recebi de Santarém uma carta do meu velho amigo Passos Manuel, que tinha casa naquela cidade, repetindo um convite que, muitas vezes, me fizera. Decidi-me — e fui. Recordo-me ainda da admirável manhã de Julho de 1843, em que embarquei com alguns companheiros no Terreiro do Paço e todos partimos, alegremente, Tejo acima. Desta jornada, que não foi longa (os meus afazeres não permitiam que eu me afastasse muito tempo de Lisboa), nasceram *As viagens na minha terra*.

— Que causaram um grande êxito literário...

— E um certo escândalo político. Vale a pena contar. A viagem, que era simplesmente recreativa, foi épica pela sequezas do Governo dessa época de viagem política. O convite para essa viagem tinha vindo de Passos Manuel, os meus companheiros, e eu próprio, eramos partidários do stembatismo, constituição, por consequência, oposição ao ministério: daí o murmúrio da imprensa governamental, a capa de conspiradores em que nos pretendiam envolver, o escândalo político, enfim...

— A eterna nuvem por Juno...

— Nesse tempo quem não era pelos Cabrais era contra os Cabrais. A viagem dum grupo de stembatistas Tejo acima, endereçados a Passos Manuel, tinha, dentro da lógica ministerial, de levantar suspeitas e causar apreensão. E, entretanto, nesse dias tão agradáveis quase não falámos de política...

— Sob o ponto de vista da paisagem, o que mais o impressionou na sua digressão?

— O Vale de Santarém. É um deslumbramento. Tenho visto alguma coisa do mundo, e apontado alguma coisa do que vi. De quantas viagens realizei, as que mais me interessaram sempre foram as viagens na minha terra e, entre essas, em especial, a que fiz através da bela georgica verde do nosso Ribatejo. Cheguei mesmo a pensar num romance, tendo por fundo paizagístico a formosa região...

— Limitou-se a escrever as suas impressões de viagem...

— Sim. E fi-lo a pedido de Castilho. Castilho redigia então a *Revista Universal Lisbonense*, e pediu-me, para a sua revista, que lhe desse as minhas notas de turista — como agora se diz...

Lanço uma interrogação audaciosa:

— Há quem afirme que *As viagens na minha terra* não é uma auto-biografia! Será realmente assim?

— É possível. Com frequência determinados factos da vida dum escritor se fixam na sua própria obra.



— Dizem que o Carlos das *Viagens* é Garrett...

O autor do *Frei Luís de Sousa* abanou a cabeça, sorriu:

— Só mudando-lhe a cor dos olhos...

— E a Joanhina dos olhos verdes, a célebre «menina dos rouxinóis», quem será?

— Um mistério! O meu amigo Bulhão Pato, sempre poeta e sempre romântico, referindo-se, uma vez, à «menina dos olhos verdes», das *Viagens*, permitiu-se afirmar que ela não era um mero capicho da minha fantasia, e dava mesmo a entender quem fosse. Não. A Joanhina é um mistério que guardo no coração. Mas, fique certo disso, mais do que «uma mulher»: é «a Mulher».

E soprando o fumo do seu cigarro:

— Primeiro do que tudo, a minha obra constitui um símbolo, constitui um mito, palavra grega, e de mod' germânica, com que se explica tudo... quando se não sabe ou não se quer explicar coisa alguma... Aqui tem. Está satisfeito?

Como não está! Esta meia hora com Garrett, na atmosfera dourada do seu convívio, seria para mim inquebrável — mesmo que o grande escritor me não tivesse feito a honra de me conceder esta entrevista acerca das suas célebres *Viagens*. Mas, assim, reuniu-se o útil ao agradável.

Simplex

O RELÓGIO DE PONTO DE FAMA MUNDIAL DA SIMPLEX TIME RECORDER C.º GARDNER U. S. A. 46 Modelos para todas as aplicações

EXPOSIÇÃO E DISTRIBUIÇÃO dos RELÓGIOS SIMPLEX

RUA CAPELO, 5-3.º, SALA 1

TELEFONE 2 3130 — LISBOA

CARDOSO LOPES

Explica porque não acaba com a "Filmagem"

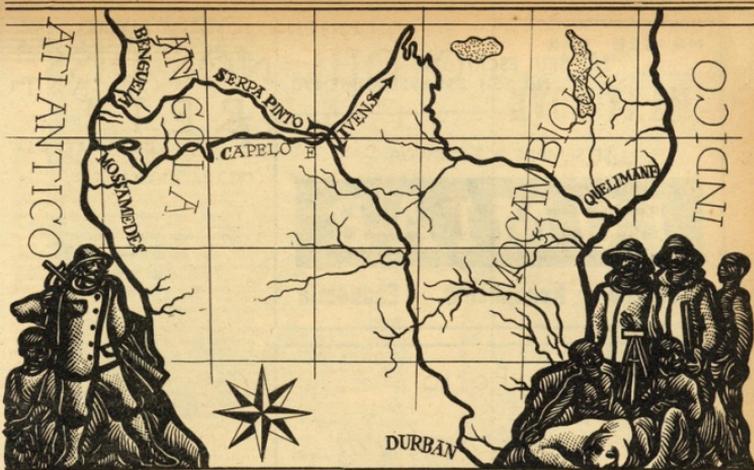
CARDOSO Lopes, activo e intelligente editor, há anos que lançou no mercado, a par de outras edições que o público justamente tem admirado, o semanário «Filmagens» que, pelo seu preço acessivelmente popular e pela sua expansão de divulgação do cinema, alcançou um verdadeiro êxito. Num país como o nosso, em que tudo sussorra à míngua de recursos materiais e outras vezes pela indiferença irreverente dum público que só vibra frente multidão de espectáculos baratos, «Filmagens» conseguiu, durante algum tempo, manter o seu prestigio como revista popular. Agora, porém, com o agravamento, dia a dia, dos preços fabulosos do papel — as publicações periódicas lutam, enérgicamente, pela sua subsistência — que só se poderá conseguir, aliás, com a adesão do público, ajudando, acariando, para que elas não desapareçam.

Orá num jornal da tarde, em três linhas laconicas, dizia-se que a «Filmagens» da desaparecer por imposição inadiável da empresa, que ia lançar no mercado um novo género de publicações.

Procurámos, por isso, Cardoso Lopes, seu animador e proprietário da Editorial «Mosquitos» — o homem que fez, em Portugal, o jornal mais idóneo de vertido para a petizada.

— De facto começa Cardoso Lopes — isso veio anunciado. Constituiu até, para mim, uma surpresa.

— Nesse caso...
— Não há uma ponta de verdade. Talvez mesmo tivessem acertado se



A MARAVILHOSA VIAGEM DOS EXPLORADORES PORTUGUESES

A conferência de Ortega y Gasset no Salão de «O Século»

POR CASTRO SOROMENHO

CONSTITUIU um grande acontecimento a conferência sobre teatro que o illustre pensador e prof. Ortega y Gasset realizou no salão de «O Século».

Presidiu o illustre dramaturgo e director do «Diário de Notícias», Eduardo Schwalbach, que apresentou o conferente e proferiu um discurso em que presiou calorosa homenagem à figura e à obra de Ortega y Gasset o sr. João Pereira da Rosa, director de «O Século».

Depois, o eminente filósofo encantou um público de «élites» com a sua magistral lição sobre teatro, que resultou um grande, um enorme triunfo.

Mais de hora e meia os assistentes estiveram enlevados na palavra mágica de Ortega y Gasset, criador de attitudes, mestre de conferentes e genial pensador, e tão cedo se não apagará da memória dos que tiveram o grande prazer espiritual de assistir, o encanto e a beleza das suas palavras.

EM quadros de vigorosa sugestão, o autor descreve as viagens de Serpa Pinto, Capelo e Ivens na TRAVESSIA DE AFRICA, e as vidas ousadas dos sertanejos do interior africano. No decorrer da acção, Castro Soromenho conta a estranha vida dos homens nus das aldeias de palha, os seus ritos e feliçitações bárbaras, os batueques, os lenda negros, as antigas histórias dos brancos que andam na tradição e fala-nos do selva e dos seu mistérios.

Inscreve-se como assinante desta obra, cuja publicação será em 12 tomos mensais de grande formato, com gravuras, desenhos, mapas, extra-textos a cores e fotografias. Cada tomo mensal, à cobrança: Esc. 15\$00.

DEPOSITARIOS:

TERRA-EDITORA — Rua Braamcamp, 10, r/c, Eq. — LISBOA — Tel. 46718

não viessem divulgar ao público uma ideia que, agora — e a rif — até por capricho, não deixo ir para a frente.

E um certo...
— A «Filmagens» não acabará, portanto. Há-de continuar a manter-se e a servir o público para que é feita. E tenho, na verdade, razões fortes para a suspender.

E Cardoso Lopes, no seu escripto, de lápis na mão e diante de «dossiers», prossegue:

— Veja aqui, por exemplo.
«Costuma dizer-se que a revista é, gráficamente, pobre. Pertencimento. Mas o público já se apercebeu que dos sete tomos de cada exemplar, deduzidos os quarenta por cento da distribuição, fica, para a casa, 42 centavos?»

«Não. O público não quer saber dessas coisas. Isto é como em todo o comércio: o que se deseja é adquirir, com pouco dinheiro, mercadorias que devam, logicamente, custar muito.»

«E novamente com entusiasmo:
— A revista é pobre, na verdade, mas nunca recebeu subsídios ou ajudas dessas casas de filmes, distribuidores e produtores, para fazer a sua politica ou defender os interesses de alguém.»

«Temos aqui, muitas vezes, recebido cartas sobre assuntos de cinema nacional que são verdadeiros casos de policia.»

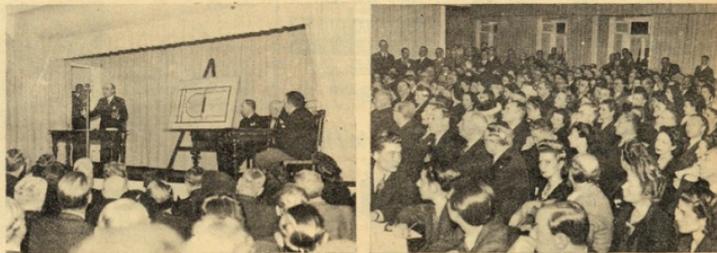
«Não há, para isso, outra coisa a fazer e outro caminho honesto a seguir: o cesto dos papéis.»

E depois dum novo cigarro:
— Então, contos largos. Por agora, meu amigo, posso assegurar-lhe que a revista não acabará.»

«Mesmo que o público não reconheça o nosso esforço, nós continuaremos a remar contra essa maré de indiferença, fazendo um jornal pobre, é certo, mas sincero — isto é: do público.»

«Depedimo-nos de Cardoso Lopes, é já a porta ele ainda nos diz:

— «Travessamos todos, de facto, uma grande crise. Melhores dias há-de surgir. Enfim, a «Filmagens» não acaba — talvez só porque se disse que a acabar.»



Dois aspectos do brilhante conferência realizada no salão de «O Século», pelo prof. Ortega y Gasset.



Antígona, em pijama, é brutalmente arrastada ao palácio do rei Creon pelos guardas que a encontraram a abrir a cave para sepulturar o irmão, contra os ordens do rei. Deixar um cadáver insepulto, entregue à voracidade dos abutres e cães, era considerado pelos antigos gregos como um crime horrível.



Creon discute com Antígona e promete-lhe não a condenar à morte se esta obedecer às suas ordens. Antígona recusa-se a obedecer.



Após a morte de Antígona, a peça termina com o narrador apontando os guardas, alheios à tragédia, entretidos a jogar as cartas.



A tragédia começa com a descrição dos caracteres dos personagens pelo narrador. Antígona encontra-se isolada ao fundo (centro). A irmã e o seu apaixonado estão de pé.

“ANTÍGONA” NA BROADWAY

KATHARINE CORNELL
REPRESENTA A NOVA
VERSÃO DA GRANDE PEÇA
DE SÓFOCLES



Katharine Cornell no papel de «Antígona», despede-se do seu amado, sabendo que vai morrer

DURANTE mais de um ano de ocupação nazi, o público parisiense comprimira-se num pequeno, frio e mal guarnecido teatro para ver «Antígona», a famosa tragédia grega escrita por Sófocles, cerca de 442 anos antes de Cristo. A peça tinha sido completamente modernizada por Joan Auvouilh, para conseguir passar na censura nazi e também para dar secreta coragem aos franceses. O ponto de vista francês estava personificado em Antígona, filha do falecido rei Édipo de Tebas. Os nazis eram personificados no novo rei, Creon, que se apresentava como um déspota benévolo. O irmão de Antígona morreu na luta quando tentava apoderar-se do governo. Creon ordena que o seu corpo se mantenha insepulto. Creon justificava-se com a fria lógica do déspota. Mas Antígona, arrimada unicamente ao seu sentido moral, desafia Creon e dá sepultura ao irmão.

Presentemente, esta peça está a ser representada na

Broadway por Katharine Cornell, no papel de «Antígona», e Cedrie Hardwicke no de «Creon», com indumentária moderna mas em estilo grego. Aparelmente, esta «Antígona» francesa perde muita força porque os seus ataques à ditadura eram, necessariamente, indirectos.

Mas, embora não recebida pela crítica, oferece aos aficionados do teatro noventa e nove minutos de belo e absorvente drama.

Nesta peça de Sófocles se inspirou o eminente escritor Dr. Júlio Dantas para a sua obra do mesmo nome em cena no Teatro Nacional.

A sua «Antígona» renova a velha lenda grega, dentro da técnica do teatro de hoje, mas sem quebra da dignidade clássica do assunto.

ULTIMA NOVIDADE AMERICANA
ISQUEIRO-ATÓMICO «LEKTROLITE»
Reg. U. S. Pat. Off.

Sem pedra, sem gasolina, sem torcida e sem chama!!! Próprio para se usar à chuva e ao vento. Indispensável a toda a gente!

A VEIHA NAS BODAS TABADARIAS E CASAS DA ESPECIALIDADE

Representantes exclusivos e depositários:
M. RYDEL & C.^a
Quinquilharias — Novidades Estrangeiras
Av. Almirante Reis, 2-2. Fr. Lisboa — Tel. 43274

Telefones P. B. X. 20659-21615

CASA DAS MALAS (Fundada em 1887)

Joaquim da Silva, & C.^a (Filhos)

Manufatura de Malas em todos os géneros, Carteiras, Pastas e Artigos de viagem, Malas armário «Oshkosh» e «Hartman»

110, Rua da Prata, 114 — 180, Rua do Ouro, 182

Officinas: Largo S. Martinho, 8-11 (Edifício próprio) — LISBOA



Espumantes naturais
só
ROSAKI
Seduz na apresentação
Prová-lo é preferi-lo

da
Central da Bairrada
Depositário:
C. Calderon Diniz
Alameda D. Afonso Henriques, 78-A
Telef. 5 1764



UMA IMAGEM DA PRIMAVERA

A gentil Maria Alexandra, filha do sr. dr. José Corrilho Chaves e de D. Maria Torres Carneiro Chaves, fotografada, no jardim de Pombal, trajando à antiga.



Quando V. Ex.^a desejar decorar a vossa casa não deixe de consultar-nos, visitando as nossas instalações onde encontrará as mais recentes novidades em artigos para decoração, estofos e mobiliário, assim como partidíssimas peças soltas para decoração em exposição nos nossos salões

DECORAÇÕES GERAIS, L.^{DA}
ESPECIALIDADE EM ARTIGOS PARA DECORAÇÕES
Mobiliário e Estofos em todos os estilos
R. Serpa Pinto, 12-B (ao Chiado)
TELEF. 2 1340



DECORAÇÕES GERAIS, L.^{DA}
(AO CHIADO)

Impõe-se pelas suas criações e pelo bom gosto
Uma decoração da nossa casa é sempre uma decoração
Rapidez e perfeição é o nosso lema

Prepare-se para o baile,
minha senhora!



Mais duas «debutantes» da alta sociedade de Filadélfia com os belos vestidos brancos com que se apresentaram no baile mais «bema» de toda a América...



Quando chove e as ruas se enchem de lama e poças de água, não há como estes vestidos de noite, agora muito em moda.



Este outro modelo é também muito elegante



Hoje é dia de epemírias. Este elegante vestido de esvoites em crepe preto irá, sem dúvida, fazer sucesso entre os amigos...



No baile de apresentação das meninas da alta sociedade em Filadélfia, apareceram modelos lindíssimos como este, apresentado por Anna Ballett, filha do ex-embaxador americano na Rússia e na França.



Avermelha as gengivas
Avermelha as gengivas
Avermelha as gengivas
Avermelha as gengivas

CARMIM
CREME
TORERO

Pasta dentífrica
Pasta dentífrica
Pasta dentífrica
Pasta dentífrica

CARMIM
CREME
TORERO

E branqueia os dentes
E branqueia os dentes
E branqueia os dentes
E branqueia os dentes.

Enigmas

Orientado por Leiria Dias

AS PALAVRAS DO ESTILO

Reaparece hoje, nas colunas de «Vida Mundial Ilustrada», uma secção de problemas policiaes, sob a nossa orientação.

«ENIGMA» sucede a «Mistério e Aventura» com duas vantagens distintas: por um lado, dá ao leitor, com foros de efectividade permanente uma escola de problemas, porquanto todos os problemas apresentados, embora modestos, serão de autoria de quem escreve estas linhas, ou, se o seu âmbito vier a alargarse, sempre se fillarão na colaboração dos nossos leitores, portanto sem se deixar afastar do campo nacional; por outro lado, esta característica, pondo de parte a reprodução de problemas inseridos em revistas estrangeiras, coloca os futuros decifreadores em verdadeiro pé de igualdade, o que não se daria noutro caso, em que ninguém podia garantir, que um ou outro, não conhecesse já o problema apresentado, através de sua terço original.

«ENIGMA» apresenta-se, pois, com o intuito louvável de interessar e acirrar todos aqueles que se queiram dedicar ao curioso e útil passatempo dos problemas policiaes.

Se a sua acção e êxito forem iguais aos que atingiu a secção sua antecessora, dar-nos-emos por completamente satisfeitos, e seguiremos por diante.

LEIRIA DIAS

1.º Torneo—Problema n.º 1

A MORTE VISITOU A TORRE

Na torre do castelo, junto ao carrião, apareceu o cadáver de um homem.

Tratava-se de Carlos Mesquita, carrilhonar de nomeada.

Junto de si, uma cadeira tombada e uma pistola. A qual se apurou pertencer a bala que o matara.

O Inspector, mal chegou ao local, chamado pelo guarda do castelo, começou por fazer uma análise minuciosa ao acanhado recinto da torre, onde o pobre homem fora assassinado. E dizemos assassinado porque o tiro mortal dado na nuca, não deixava sombras de dúvidas sobre o acto criminoso.

Alguém matara o desafortunado músico, deixando ao pé do cadáver a arma, no intuito irrisório de simular um suicídio.

Além da cadeira tombada e do relógio do morto parado nas 13 horas, que decerto saltara do bolso com a queda do corpo, nada mais o Inspector encontrou digno de assinalar.

Restava, para o raciocínio final e estudo do problema, ouvir o guarda do castelo.

«O sr. Carlos chegou ao castelo pelas 12 horas e, depois de me cumprimentar, pegou numa cadeira e encaminhou-se para a torre, onde disse ir analisar alguns números do seu vasto repertório com vistas a uma próxima exibição.

Mais tarde, ali pelas 13 horas e meia, dispus-me a ir alistar e quis avisar o sr. Mesquita, mas de um afilo do terraço do 1.º andar, de onde se vê a torre, reparei no sr. Mesquita sentado, tocando o carrilhão, e não o quis interromper. Deixei a ateliê e fui ao chegar próximo da porta de saída, ouvi qualquer coisa que me pareceu um tiro.

Assustado, retrocedi, e caminhei

apressadamente para a torre, indo encontrar o sr. Mesquita morto.

Eu então que chamei a policia.

Não sei mais nada.

No rosto do Inspector parecia bailar já aquele sorriso tradutor de mais uma vitória.

Apenas disse: — Há nas suas declarações umas coisas que não estão certas. Você me explicará isso melhor. Considere-se preso.

Pergunta-se: 1—Porque prendeu o Inspector o guarda?

2—Como lhe parece que o caso se tenha passado?

DECIFRAÇÕES E DECIFRADORES

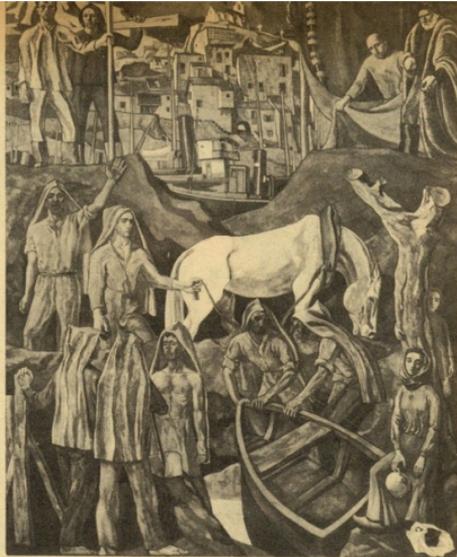
Se decifrar o problema, não deixe de enviar o resultado a que chegou. Não o faça, porém, depois do dia 2 de Maio próximo.

Juntamente com o problema n.º 4 publicaremos a decifração e os nomes dos decifreadores do problema n.º 1. Sucessivamente, iremos publicando os nomes ou pseudónimos dos 13 primeiros a enviar, ao mesmo tempo que daremos também as decifrações dos problemas que fomos apresentando.

Cada série de 12 problemas constituirá um pequeno torneio, destinando-se-lhe, pelo menos, 3 prémios. Em caso provável de empate, o sorteio decidirá.

Ao concorrente que consiga ganhar dois torneios seguidos, ou quatro alternados, será entregue a *Troféu «Enigmas»*.

E não se esqueça deste aviso importante: toda a correspondência relativa a problemas policiaes deverá ser endereçada para a redacção desta Revista: Rua da Emenda, 60-2, com a indicação bem clara de *Série «Enigmas»*.



Pintura mural do «Instituto Nacional de Previsões», em Orieo, cujo projecto é de Vaquero

JOAQUIN VAQUERO UM DOS MAIS FORTES REPRESENTANTES DA PINTURA MODERNA ESPANHOLA, VEM EXPOR A LISBOA

CREIO que a todos os aficionados das artes plásticas interessará esta notícia: Vaquero vai expor em Lisboa.

É que a pintura de Joaquín Vaquero, este grande artista que além de pintor é arquitecto de talento, sendo coroado os seus méritos de arquitecto com vários prémios em concursos a que tem concorrido, sendo de destacar o de «El Faro de Colón», que, com outro arquitecto, Luiz Moysa, obteve um dos primeiros prémios com a concorrência dos mais notáveis arquitectos do mundo.

Como pintor, Vaquero é um caso à parte dentro da moderna pintura espanhola, não só pela originalidade da sua pintura, como também pela originalidade do seu poder emotivo. Na realidade, Vaquero é um artista cujas fontes espirituais estão muito mais longe que o impressionismo e até o pré-impressionismo.

Seu caminho pictórico são dirrigidos para aquela pintura cuja forma fica antecapadamente vendida perante a realidade concentrada do seu mundo interior, que é abstraido em total pela grandeza do seu poder emotivo e da sua sensibilidade.

Por isso a sua última exposição em Madrid foi um motivo de grandes discussões por todos aqueles que andam emaranhados em coisas de arte. Sanchez Camargo, em «Álzcar», diz: — «La categoria que el artista presta a las cosas tiene en Vaquero al hombre que ante ellas las mira y remira para dejarlas a nosotros en excelente síntesis colorista todo el panorama que el guiso captar». E assim é como diz Camargo, pois os quadros de Vaquero têm não só um poder enorme de síntese e de colido tão forte, que nos dá o ambiente e a verdade da realidade, mas

que é no fundo o panorama exacto (Toledo, por exemplo, é um quadro onde o artista revela este seu extraordinário poder). Por isso mesmo os quadros que Vaquero tem exposto em vários países têm sido sempre disputados pelos maiores coleccionistas.

As suas exposições em Paris, Nova-York, Oslo, Washington, San Salvador, Buenos-Aires, Veneza, Viena, etc., etc., foram sempre triunfos constantes e galardões ganhos a estimular a sua grande arte. E, por último, será Lisboa a cidade a quem Vaquero tanto quer, que dentro em breve lhe abrirá as suas portas, e que o recompensará com mais um triunfo artístico a juntar a tantos que o artista tem recebido por esse mundo fora.

MARIO G. DE OLIVEIRA



Joaquín Vaquero, auto-retrato

L. MAITRE & FILS S.A.

WATCH CO
LE NOIRMONT (SUISSE)
CABLES: PRONTO TEL. 61.05



A vingança da luz

POR FERNANDO FRAGOSO

UM jornalista francês entrevistou, há dias, Luís Lumière, no seu refúgio de Bandoil. No ano áureo em que o Cinema festeja as bodas de ouro, o entrevistista impuntina-se. E quando tudo permitira supor que os derradeiros dias do sábio fossem iluminados pela doce e suave luz dum existência feliz e tranquila — o jornalista foi encontrar Luís Lumière ferido no seu orgulho, magoado com aqueles que promoveram as comemorações de invento, e, pior do que isso, lutando contra os seus olhos cansados que se recusam a ver — e dominado pela certeza de que o próximo fim já não lhe permitirá alcançar a resolução dos problemas que têm consumido estes últimos anos da sua vida intensa, de sábio e de trabalhador.

Página sombria e amarga — essa em que Henri Vidal nos descreve a conversa com o «Pai do Cinema». Luís Lumière está desolado com a «falta das comemorações». Comissões organizadoras, polémicas, «meetings» de protesto, orgãos, burocracia — e nada mais! Por fim, como se tudo isso não bastasse, soubera que, na lápida descestrada no prédio em cujas caves se realizou a memorável sessão de 28 de Dezembro de 1895, figuram quatro nomes — o seu, em penúltimo lugar, de permoio com o de outras personalidades que nada tinham que ver nem com o local, nem com o acontecimento que se pretendia assinalar.

«Recluziram-me à categoria de compara, e como compara passarei a viver» — declarou Luís Lumière. Agora, a sua única alegria é trabalhar. Passa os dias no laboratório da vila «Lumens». Descobriu uns óculos que «coam» os raios ultravermelhos. «Os homens que soldavam a fogo — acabavam quase sempre por cegar. E eu sei bem avaliar quanto vale a luz dos óculos». Os espelhos parabólicos são o problema que tem actualmente entre mãos. Primeiro trabalhou com o vidro. Mas a matéria era frágil em demasia para a sua utilização industrial. Depois, pensou em fabricar uma substância plástica. Fez experiências com o acetato de celulose. Conseguiu espelhos magníficos, de dimensões, porém, forçosamente diminutas. Quando encontrou o material de que necessitava para construir espelhos do tamanho que quisesse — vieram os alemães e levaram tudo. Houve que recomeçar, numa França talada e arruinada pelo invasor...

No limiar dos oitenta e cinco anos, Lumière sente que já não tem muito tempo à sua frente... «E penal!» — exclamou desanimado. Tenho a impressão que o segredo da imagem em relevo, que até aqui tenho perseguido em vão, se esconde por detrás destes espelhos...

Luís Lumière está rico. Não foi o cinema que lhe deu a fortuna. Esta, integralmente aplicada no seu laboratório, foi feita à custa de um dos seus inventos mais modestos — o diafragma difusor do som, que teve papel de relevo no fonógrafo, e mais tarde nos aparelhos de rádio. Lumière está rico, disseram. Não é, portanto, o lucro material que move este aneddotado, feito eremita. Mas Lumière presente que está prestes a resolver o problema do relevo. E tem pressa de chegar ao fim — antes que a vida ou a vista o atraíam.

— Já fiz três operações aos olhos... Os médicos já estão a pensar na quarta! Não sei o que será o dia de amanhã. A luz, essa luz que eu subjugué — está vingada...

E este é o grande drama do Homem, do Sábio e do Inventor.

A «DEUSA DO SEX-APPEAL» DEVE SER ASSIM — PERIGOSA, BELA E TENTADORA, COMO JANE RUSSELL. HÁ NELA QUALQUER COISA DE MORBIDO E DE PERVERSO, SOB A SUA ESPLÊNDIDA BELEZA DE FRUTO MADURO... E, NO ENTANTO, ATRAI-NOS, COMO UM ABISMO!

INGRID Bergman pode considerar-se a mulher das mil caras. Ao contrário do que acontece com Hollywood, não cristalizou num tipo único. E de filme para filme surpreende-nos com a variedade do seu talento e a diversidade das suas interpretações. A revolucionária de «Por quem dobram os sinos», a aventureira de «Saratoga», a «martyrizada» de «Meia Luz» — vai surgir agora no papel dum freira em «Os Sinos de Santa Maria», num papel todo feito de doçura e espiritualidade.



MUNDIAL FILMES
APRESENTA O ÊXITO DA
SEMANA NO GINÁSIO COM
MARIKA RÖKK



Dança com
o
Imperador
UMA OPERETA DA UFA



O ataque das forças do «maquis» ao comboio blindado dos alemães constitui uma das cenas mais empolgantes de «La Bataille du Rail»

"A BATALHA DO RAIL"

O NOVO FILME FRANCÊS SOBRE UMA DAS ACTIVIDADES MAIS IMPORTANTES DO MOVIMENTO DA RESISTENCIA

O cinema francês, a pouco e pouco, encontra o seu caminho. Lutando contra toda a espécie de dificuldades, os cineastas de além-Pirineus estão realizando um trabalho de renovação muito de louvar.

O filme de René Clément, «La Bataille du Rail», recentemente estreado, foi acolhido pela crítica com entusiasmo excepcional. Trata-se duma obra forte, realista, que por vezes assume o carácter de puro documentário, e que evidencia o labor das forças do «maquis» para sabotar as linhas de comunicação dos alemães, em território francês. Tarefa de gigantes, com rasgos de audácia e de sacrifício, o filme é a epopeia dos patriotas, na tarefa de auxiliar os exércitos que os vêm libertar do invasor. A sequência do ataque ao comboio que leva os «tanks» alemães para a frente da Normandia constitui uma verdadeira epopeia. E o descarrilamento que a culmina, com os «tanks» rolando pelo talude, desfeitos e inúteis, é considerada uma das trucagens mais bem logradas, na história do cinema francês.



A revista inglesa «Picturegoer» fez um inquérito entre os seus leitores para escolher o melhor intérprete do ano. Bing Crosby foi o triunfador inevitável. E dizemos inevitável porque vem acumulando prémios e distinções sucessivas. Ainda agora o crítico celebra a excelência do seu trabalho em «Road to Utopia», onde Bing aparece ao lado de Bob Hope e Dorothy Lamour. A gravura mostra-nos o famoso intérprete no momento de receber, das mãos de David Niven, a taça de «Picturegoer». 2) Com os seus laçoetes, as suas tranças, os seus olhos de luminosa inocência, Margaret O'Brien continua a ser a menina bonita da América inteira. E com a arma irresistível do seu sorriso, lançou-se deste modo à conquista do mundo. Hoje é, incontestavelmente, a «vedeta infantil n.º 1».

Talvez o leitor a ache demasiado empregada. Mas, pondo de lado o exagero da atitude, reconhecerá, por certo, que está Nancy Saunders em condições de sobra para ir muito longe. E que o seu corpo merecia bem o tributo de Ago-Khan, isto é, o seu peso em ouro. Porque qualquer vê, por pouco antendido que seja, que Nancy vale quanto peso...



HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

CAPÍTULO XXXI A FORTALEZA EUROPEIA

POR CARLOS FERRÃO



Marshal von Leeb

Relch com os seus aliados, reconhecendo a impossibilidade de continuarem a fazer uma guerra pelos métodos ofensivos que tão notáveis resultados haviam dado na sua primeira fase, tentavam encerrar-se no interior da Fortaleza Europeia e defender-se contra os ataques da coligação poderosa que se havia formado para o vencer. Os seus chefes militares haviam assim regressado às conhecidas concepções da guerra defensiva do mal conhecido e marginalizado dos seus estrategas o marechal von Leeb, que desde o início do rearmamento afirmava que a Alemanha não estava em condições de conduzir com éxito uma luta ofensiva contra uma coligação poderosa e que, portanto, só lhe restava a alternativa de praticar uma defensiva sistemática desde o início das hostilidades, a qual acabaria por fatigar os seus adversários, levando-os a uma paz de compromisso.

Mas, e esta era a pergunta que nos meios militares de todos os países aliados se fazia, não era essa concepção da guerra defensiva conduzida no interior da Fortaleza Europeia contrária a todos os princípios estratégicos, em obediência aos quais o Reich se lançara na aventura da guerra não era, ao mesmo tempo, contrária à essência da filosofia política em que a Alemanha e o movimento e se estruturava o regime nazi?

Não eram os próprios alemães que haviam consagrado a regra de que fortaleza cercada é fortaleza tomada? Não se applicaria ela apenas ao caso da Fortaleza Europeia, quando os acontecimentos tinham demonstrado

exuberantemente que era válida em todos os casos que punham em causa o destino dos adversários do Reich. Não tinham sido eles a invocar os antecedentes de todos os sistemas defensivos construídos pelos Aliados a linha Maginot e a linha Metaxas, a linha Carol e a linha Estaline para justificar a sua doutrina de que as guerras se ganham atacando e não remetendo-se um grande exército à defensiva sistemática e por isso mesmo condenada, de antemão, a um malogro certo e fatal? Em resumo: o reconhecimento da Fortaleza Europeia não traduzia no fundo o sentimento da impossibilidade de alcançar a vitória e realizar, portanto, os objectivos pelos quais ela fóra desenhada contra o resto do mundo?

AS DIFICULDADES QUE SE OPUNHAM A QUE A FORTALEZA EUROPEIA FOSSE EFICAZMENTE DEFENDIDA

Já nos referimos as principais dificuldades que se opunham a que a Fortaleza Europeia fosse eficazmente defendida, de acordo com a nova concepção estratégica imposta ao Alto Comando alemão pelas exigências de uma guerra custosa e difícil. Para garantir, convenientemente, essa Fortaleza era indispensável proceder, antes de mais nada, à mobilização total do potencial humano alemão. Os decretos publicados depois da rendição do Exército em Estalinegrado, a que já nos referimos, também representavam um esforço desesperado para tapar as brechas causadas por quase quatro anos de luta incessante e mortuária conduzida praticamente em quase toda a extensão do continente europeu.

Mas essas medidas de mobilização total só em parte puderam ser executadas. Para que pudessem ser integralmente postas em prática era necessário satisfazer duas condições previstas: a primeira, era que os países ocupados fornecessem a mão de obra indispensável para, apesar da falta de trabalhadores e operários alemães, as indústrias de guerra continuarem a funcionar a pleno rendimento; a segunda, era que os aliados do Reich continuassem a colaborar activamente na luta travada contra os Aliados. Não levou muito tempo a verificar-se que nenhuma dessas condições se ajustava às circunstâncias de evolução dos acontecimentos militares e políticos.

A mobilização, em regime de trabalho obrigatório, da população válida dos países ocupados deparava com dificuldades crescentes, a maior das quais resultava do progressivo crescente dos movimentos de resistência que, entretanto, se desenvolveram

em todos eles. A colaboração dos satélites do Reich tornara-se cada vez mais problemática, à medida que a marcha das operações militares se traduzia por uma série de derrotas cada vez mais espectaculares para a Wehrmacht. Pode dizer-se que, praticamente na Primavera de 1943 nenhum desses países prestava aos alemães qualquer auxilio efectivo, com excepção da Romênia e da Itália que, entretanto, se encaminhavam a passos agigantados para a realização de negociações separadas com o Reich.

NO INTERIOR DA ITALIA A SITUAÇÃO AGRAVARASE EXTRAORDINARIAMENTE EM CONSEQUENCIA DAS DERROTAS SOFRIDAS POR AQUELE PAIS

De todos os aliados da Alemanha na Europa, o mais importante, a Itália, viria a sua situação interna agravar-se extraordinariamente em consequência das derrotas sucessivas sofridas pelas forças militares italianas. Os sinais de desagregação interna começaram a tornar-se por tal forma evidentes, que era de recear que, de um momento para outro, se registasse em Itália o colapso total.

O povo italiano estava cada vez mais dividido quanto à attitude a tomar perante a evolução ameaçadora dos acontecimentos, os quais não tardariam a pôr directamente em causa o seu próprio destino. Enquanto os elementos moderados do partido fascista apolados em Mussolini se propunham proseguir na luta ao lado da Alemanha, qualquer que fossem as consequências que pudessem resultar dessa decisão, uma grande parte da população mostrava sinais evidentes de inquietação e dúvida, os quais encontravam a sua expressão transparente num abalçamento catastrófico do moral colectivo.

Mas, mesmo no interior do partido, começava a manifestar-se a existência de uma corrente poderosa cujos elementos mais representativos não ocultavam já a sua convicção de que só uma paz separada e conseguida rapidamente com os aliados era susceptível de evitar à Itália maiores transtornos e prejuizos. Nessa corrente encontravam-se integrantes algumas das mais representativas personalidades do partido e do regime que a ambos haviam prestado os mais destacados serviços ao longo de mais de vinte anos da sua duração.

No dia 5 de Fevereiro declarou-se em Roma um crise ministerial. Tendo sido afastadas do Governo algumas personalidades representati-

vas do partido fascista que apareciam geralmente apontadas como fazendo parte do grupo que se manifestava ostensivamente a favor de uma paz separada com os Aliados. Entre os ministros demittidos contavam-se o da Justiça, conde Dino Grandi; das Finanças, Thon di Reveli; e da Instrução Pública, Giuseppe Bottai. Pelo seu prestado, pelos serviços que haviam prestado ao partido e ao regime, e pela sua influencia pessoal, os ministros afastados enfraqueciam, com o seu afastamento, singulamente a posição do Governo de que faziam parte.

O ESTADO DE SAUDE DO «DUCE» E OS SEUS DISCURSOS DAYAM LIGAR A QUE EM ROMA CORRISSEM OS MAIS «DENSES» CONTRADIOS BOATOS

Ao mesmo tempo que as noticias divulgadas sobre os verdadeiros fundamentos da crise ministerial, que se resolveu com a entrada para o Governo de personalidades de segundo plano, davam a entender claramente que o fascismo se encontrava em sérias dificuldades, outras noticias espalhadas nos meios tidos como bem informados diziam que o estado de saúde do «Duce», príncipi já há algum tempo, não deixara de se agravar com a marcha dos acontecimentos.

(Continua)

BELEZA PRECISÃO

Corbiere

Companhia Nacional de Navegação

A mais antiga e maior empresa armadora portuguesa nas carreiras do Africa

SEDE SUCURSAL

R. do Comércio, 85 - LISBOA R. Infante D. Henrique, 73 - PORTO

SERVICIO RAPIDO DE CARGA E PASSEAGERS PARA A AMERICA DO NOROCCIDENTAL E AMERICA ORIENTAL, BRASIL E AMERICA DO SUDESTE.

FROTA DA C. N. N.

«Sotola»	12.000 Ton.	«Cabo Verde»	6.200 Ton.
«S. Tomé»	9.100 »	«Congo»	2.900 »
«Nassau»	9.000 »	«Nacilio»	2.900 »
«Angola»	8.500 »	«Tagus»	1.800 »
«Cubango»	8.200 »	«Anabon»	1.800 »
«Cassara»	4.200 »	«Chinder»	1.800 »
«Lourenço Marquez»	6.400 »	«Lisboa»	1.800 »
		«Lave»	700 »

Agências em todos os portos africanos e nos principais portos do Mundo

BANCO ESPIRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

Capital realizado 80.000.000\$00
Fundos de reserva 81.000.000\$00

RUA DO COMERCIO, 95 A 119 - LISBOA

Dependencias Urbanas:

Alcantara, Poço do Bispo, Conde Barão, Almirante Reis e Benfica

Filios e Agencias:

Porto, Coimbra, Braga, Faro, Covilhã, Ponta Delgada, Torres Vedras, S. João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Gouveia, Estoril, T.ortozendo, Abrantes, Mangualde, Figueiró dos Vinhos, Olhão, Matozinhos, Moura, Guarda, Espinho, Montijo, Montemor-o-Novo, e Vila Franca de Xira

TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

MEDICINAL
PASTA **COUTO**
 TRATA
 gengivas decaídas
 ou sangrentas
 EVITA
 estomatites mercuriais
 ou birmuticas
MATA
 os microbios da boca,
 que dão causa a tantas
 doenças graves

Medicinal pequena — tubo 11800
 Medicinal grande — tubo 17850
 Vulgar pequena — tubo 4800
 Vulgar grande — tubo 7800

Tika
MATA
 PERCEVEJOS
 BARATAS
 PULGAS
 TRAÇA

À VENDA EM TODA A PARTE:
 Caixa pequena..... 3500
 Caixa grande..... 8500
 Dep.º: COUTO, L. 4ª — Porto
 L. S. Dominges, 108

COMPRADO PELA MÃE

Comprou-o para si e para o seu filho. Agora até o pai tomou! LAXOBAC, o novo chocolate laxativo, é o remédio para toda a família. Suave, mas firmemente, «Laxobac» obriga os intestinos a uma regularidade de funções cronométricas e o seu sabor é tão agradável que todos gostam.

LAXOBAC

Em todas as farmácias a Escudos 2550 e 12800 cada caixinha. Lembre-se do nome.

SOUTIENS
 Calçada do Garcia, 36

Modelo «popular», 16550; «ideal», linho sintético 1.º, 22550; «Diana», sêdo, 20500; «Estrela», sêdo e renda, 25500; «Princesa», Brim fantástico, 405; «Rainhas», Brim e cetim, 50500.

AGUARDENTE VELHA
Niepoort
 a prova está na prova



PASSATEMPO



DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES
 Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marques 58 da Bandeira, 108. 3.ª — LISBOA

DAMAS

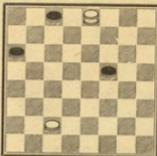
(Secção espanhola)

1.º CONCURSO INTERNACIONAL DE PROBLEMISTAS DE «DAMAS»

COMPOSIÇÃO N.º 85
 (Final artístico)

«La Provincia» — Las Palmas (Espanha)

Lema: «Damófilo X»



As brancas jogam e ganham.

XADREZ

PROBLEMA N.º 35

Por Cauby Pulchério (Rio de Janeiro)



2x

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 34

1. Bb5, R x h5; 2. Rg7; 3. Rf6; 4. Rg6 x.

CHARADAS COMBINADAS

1.º

- + TO = Extinto
- + VA = Fosso
- + SER = Unir com linha.

Conceito: Máquina para erguer pesos.

2.º

- + RAMPO = Doença eruptiva em que o corpo se cobre de pintas roxas.
- + LIO = Insígnias pontifical dos arcebispos.
- + MOS = Volumes de obra impressa.

Conceito: Calçado de couro.

(Publicadas em 18/4/946)
 Solução

1 — Carabina. 2 — Cativo. 3 — Ruicola. 4 — Hipóxico.

MICROGLIFOS

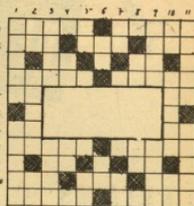
(Publicados em 18/4/946)

Patriarca — Remido — Reprovado.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 64

Por João Manuel Marques Carolino (Porto)



HORIZONTAIS: 1 — Doença na pele; ofícios. 2 — Intimo; flor; artrite. 3 — Seguir; Interpretar. 4 — Fruto da silva; fruí. 5 — Alternativa; lado do vento. 7 — Nota musical antiga; contracção de preposição e artigo. 8 — Desvio; pândega. 9 — Existe; perfeita. 10 — Prenome pessoal; dóce; muito. 11 — Partida; unis.

VERTICAIS: 1 — Fruto eltrino; cidades. 2 — Preposição; cotina; all. 3 — Outeiro; chegar ao meio. 4 — Aparência; artigo definido. 5 — O mais; marota. 6 — Sair; preposição. 7 — Campeão; acolá. 8 — Lado do vento; artigo (pl.). 9 — Momento; folhagem. 10 — Pessoa que fala; ara; intergenção. 11 — Saburra; lugar aprazível no deserto.

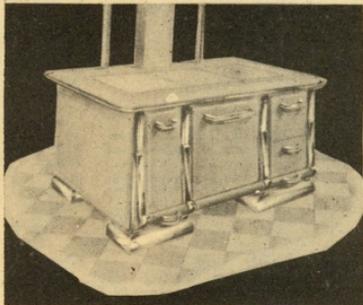
Dicionários adoptados: Augusto Mgreiro, Torrinha e Roquete.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 63

HORIZONTAIS: 1 — Oftalmoscópio. 2 — Ilcece. 3 — Amiga; ro. 4 — Atar; sic. 5 — Asa; Sadi. 6 — Inane; pauta. 7 — Dólar; aidav. 8 — Itaca; orosi. 9 — Muco; aza. 10 — Ela; rebo. 11 — Ta; Ilaca. 12 — Osluva. 13 — Ocidentalizar.

VERTICAIS: 1 — Oleactidmetro. 2 — Notula. 3 — TI; alaca. 4 — Ala; naco. 5 — Lema; era. 6 — Moita; Arlon. 7 — Osgas; Zelat. 8 — Seara; abala. 9 — Pto; ocul. 10 — Sair; avi. 11 — Sado; az. 12 — Ritua. 13 — Omoclavicular.

Solidez e boa apresentação



São as qualidades de fabrico dos

**FOGÕES
 COFRES
 E BALANÇAS**

Das fabricantes:

ALBERTO DA SILVA (IRMÃOS), LIMITADA
 Rua do Arco do Bandeira, 129 = Telefone 24663

e no revendedor

JOSÉ DA SILVA & IRMÃO, LIMITADA
 Rua dos Correiros, 105 e 107

SOCIEDADE MANUFACTUREIRA DE ARTEFACTOS DE BORRACHA, L.^{DA}



(FÁBRICA DE BORRACHA "MONSANTO")

ARTIGOS DE NOSSO FABRICO PARA:

AUTOMÓVEIS

Caixas, amortecedores, casquilhos, isoladores, patins, tubos, pára-brises, bombas pressão de ar, gasolina e óleo, Radiadores e Gasómetros, etc., borrachas para vulcanização e recauchutagem, vedantes, etc.

HOSPITAIS E SANITÁRIOS

Adeusos, anilhas, almofadas de ar, botões «Smittas», calçado, esponjas especiais, guarnecimento de rodas de marquetaria, etc., Juntas «Unitas», emboques para «biletas», mangueiras, passadeiras, ponteiras para bengalas e muletas, rôlhas para frascaria de laboratório, sacos para água quente ou gelo, tapetes, tubos de drenos para irrigadores, e em «T», etc., válvulas para autoclismo.

BAZAR E DESPORTO

Ataches para bicicletas, bandagens, botões, calços para travões, palas para guarda-lamas de bicicletas, punhos e tacos para bicicletas, remedos para câmaras de ar, rodas, tubos estriados, tubos records e de válvulas, folhas para raquetes «Ping-Pong».

CALÇADO

Alpargatas silenciosas, calçado vulcanizado, de verão e inverno, saltos (marcas Monsanto e Liz).

HIGIENE

Chupadões lisos ou canelados para água, transefas de vinhos, azétes, óleos, etc. Mangueiras para regas, com ou sem espiral, Tubos, etc.

FÁBRICAS, ARMAZÉNS E ESCRITÓRIOS:
AVENIDA 24 DE JANEIRO, C. C. C. L.
LISBOA MONSANTO PORTUGAL
TELEFONE 58-330 / TELEGRAMAS **SMAB**

1936

UMA INSTALAÇÃO MODERNA PARA BEM SERVIR



1946

DEZ ANOS DE LABORAÇÃO AO SERVIÇO DOS NOSSOS CLIENTES E AMIGOS

INDÚSTRIA, DOMÉSTICO CAMINHOS DE FERRO

Anéis, anilhas, bandas espiral, batentes, borraça para carimbo, calhas, cordas cilíndricas e rectangulares, casquilhos, Chapadores, diafragma, empanques, esfres, folha, freio de véduco, juntas, junta plástica, Mangueiras, recobrimento e guarnecimento de cilindros e rodas, Tubos, válvulas e vedantes.

PULVERIZAÇÃO DE VINHAS

Tubos e acessórios

E TODA A ESPÉCIE DE TRABALHOS EM BORRACHA FLEXÍVEL OU EBONITE, MEDIANTE MOLDE, AMOSTRAS OU SIMPLES DESENHOS

CONSULTE-NOS SEMPRE SOBRE QUALQUER ASSUNTO DA NOSSA INDÚSTRIA